

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL
DO RIO DE JANEIRO**

CYNTHIA LEITE

A VIDA E A OBRA DE EDITH STEIN –

SANTA TERESA BENEDITA DA CRUZ –

À LUZ DE SÖREN KIERKEGAARD

RIO DE JANEIRO

2008

CYNTHIA LEITE

**A VIDA E A OBRA DE EDITH STEIN –
SANTA TERESA BENEDITA DA CRUZ –
À LUZ DE SÖREN KIERKEGAARD**

Monografia apresentada ao IFEN como
requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Psicologia Clínica.

Orientadora: Cristine Monteiro Mattar

Rio de Janeiro
2008

FICHA CATALOGRÁFICA

Leite, Cynthia.

A vida e a obra de Edith Stein – Santa Teresa Benedita da Cruz – à luz de Sören Kierkegaard / Cynthia Leite – Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial, 2008.

92f.

Monografia. Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial, Rio de Janeiro, 2008. Orientadora: Cristine Monteiro Mattar.

1. Edith Stein 2. Sören Kierkegaard 3. Estádios da Existência 4. Fé.

CYNTHIA LEITE

**A VIDA E OBRA DE EDITH STEIN –
SANTA TERESA BENEDITA DA CRUZ –
À LUZ DE SÖREN KIEKEGAARD**

Monografia apresentada no curso de especialização em Psicologia Clínica, do Instituto de Psicologia Fenomenológico Existencial do RJ como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Psicologia Clínica.

Aprovada em 14 de julho de 2008.

BANCA EXAMINADORA

Professora Ana Maria Lopez Calvo Feijoo
Doutora
IFEN

Professora Cristine Monteiro Mattar
Mestre
IFEN

Professora Myriam Moreira Protasio
Especialista
IFEN

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 EDITH STEIN – BIOGRAFIA E PENSAMENTO	15
2 SÖREN KIERKEGAARD – BIOGRAFIA E PENSAMENTO	32
2.1 Os Estádios da Existência	39
2.2 Temor e Tremor	45
3 ALGUMAS APROXIMAÇÕES ENTRE EDITH STEIN E SÖREN	60
KIERKEGAARD	
CONCLUSÃO	68
ESTUDO DE CASO CLÍNICO	72
Histórico Familiar	73
Histórico Pessoal	73
ANEXO A – Carta de Edith Stein ao Papa Pio XI sobre a perseguição aos judeus	87
ANEXO B – Carta de Apresentação de Dom Abade Rafael Walzer, diretor espiritual de Edith Stein	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90

“Já comecei pela reflexão. Não adquiri um pouco de reflexão com a idade. Sou reflexão do começo ao fim”. (S. Kierkegaard)

“Em mi interior había aún mundo oculto...Lo que yo veía u oía durante el día, lo assimilaba por la noche”. (Edith Stein)

Para minha Mãedrinha Carolina,
que me ensinou o amor pela leitura
e pela Igreja Católica.

AGRADECIMENTOS

À Santíssima Trindade, nas Pessoas de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, que eu amo mais do que a mim mesma, e que me conduz pelos caminhos obscuros do saber e da vida.

À Santa Teresa Benedita da Cruz, à Santa Rita e à Santo Antônio, por intercederem por mim junto a Jesus durante todo este período.

Ao João, pela paciência, compreensão e apoio. Somos um em Deus.

Aos meus filhos, João Gabriel e Ian, pelo sorriso de todas as manhãs. Vocês são minha alegria de viver. Que vocês aprendam com os Santos da Igreja a serem verdadeiros homens de Deus no mundo.

Ao meu pai, por me ensinar com a própria vida que nunca devemos desistir dos nossos objetivos.

Ao meu tão amado amigo Cid Michel, pela compreensão, pelas conversas e pelas trocas ao longo destes anos. *Amicus usque ad aras.*

À Igínia Quiroz, minha tão amada amiga, te agradeço pelo carinho, pelas orações e pela ajuda com o espanhol. Você foi e é indispensável na minha vida.

À Naira Sampaio, que é *Magistra* em todos os sentidos na minha vida. Muito obrigada! Agradeço a Deus por você fazer parte da minha história.

À Cristine Mattar, minha orientadora, por ser dedicada, paciente e por desvelar em mim o meu melhor.

À Ana Maria Feijoo e à Myriam Protasio, por permitirem uma reflexão livre sobre Sören Kierkegaard e sobre a existência. Minha vida não seria a mesma se vocês não tivessem passado por ela.

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo apresentar um estudo sobre a vida e algumas obras da filósofa Edith Stein, santa da Igreja Católica Apostólica Romana, conhecida pelo nome religioso de Santa Teresa Benedita da Cruz, à luz do pensamento de Sören Kierkegaard. Apresenta ainda algumas aproximações entre o pensamento e a vivência de ambos, especialmente no que se refere ao estágio religioso.

Foi realizada uma revisão bibliográfica da biografia e obra de Edith Stein e Sören Kierkegaard. Procurou-se trazer uma colaboração aos estudantes interessados nos temas relacionados a estes dois pensadores, assim como em filosofia e teologia.

Apresenta-se também um estudo de caso clínico sobre Edith Stein, que visa a fazer uma leitura fenomenológico-existencial da mesma.

Palavras-chave: Edith Stein. Sören Kierkegaard. Estádios da Existência. Fé.

ABSTRACT

This monography intends to study the life and the works of the philosopher Edith Stein, saint of the Catholic Apostolic Roman Church, known by her religious name as Saint Teresa Benedita da Cruz, through Sören Kierkegaard's thoughts. It also presents some proximities between the thoughts and the experiences of the life of both, especially related to the religious stage.

It makes a documental review of the biography and the work of both, Edith Stein e Sören Kierkegaard. This monography intends to contribute to those interested in the related themes about these thinkers, as well as in Philosophy and Theology.

There's also the clinical case study of Edith Stein, intended to be a phenomenological-existential review of her life.

Keywords: Edith Stein. Sören Kierkegaard. Existence stages.

INTRODUÇÃO

Judia, filósofa, fenomenóloga e, após a sua morte, conclamada santa. Estas são algumas das denominações que Edith Stein adquiriu ao longo de sua existência. Em meio a conflitos como o nazismo e a II Guerra Mundial, Edith Stein buscou fazer de sua existência algo diferente para si própria e para as centenas de mulheres que, até a conhecerem, não refletiam sobre as possibilidades da mulher na sociedade e na Igreja e a dimensão do que é estar no mundo. Utilizando o estudo como substância para sua vida intelectual e como via, escreveu, com rara profundidade e competência, que a mulher poderia e deveria ocupar qualquer cargo considerado masculino, desde que valorizasse sua “natureza” feminina e não sufocasse a sua individualidade. Desta forma ela conduziu toda a sua vida.

João Paulo II, em concordância com os princípios de Sören Kierkegaard (que, ao escrever seus trabalhos, queria de forma indireta levar os homens ao Absoluto, a Deus) disse, na ocasião da canonização de Stein, que a busca da verdade é a busca de Deus. Edith Stein, assim como Kierkegaard, fez da sua vida uma caminhada rumo à verdade além de, como ele, despertar nos leitores de suas obras a inquietação que conduz pelo caminho do eu mais próprio.

O amor de Cristo foi o fogo que incendiou a vida de Teresa Benedita da Cruz. Antes mesmo de se dar conta, ela foi completamente capturada. No começo o seu ideal foi a liberdade. Por longo tempo Edith Stein viveu a experiência da procura. A sua mente não cessou de investigar e o seu coração de esperar. Percorreu o caminho árduo da filosofia com apaixonado ardor e ao final foi premiada: conquistou a verdade, aliás, foi primeiro por ela conquistada. Descobriu, de fato, que a verdade tinha um nome: Jesus Cristo, e a partir daquele momento o Verbo encarnado foi tudo para ela. Já carmelita, olhando esse período da sua vida, escreveu a uma beneditina: ‘Quem procura a verdade, consciente ou inconscientemente procura Deus’ (JOÃO PAULO II, apud SCIADINI, 2003).

A proposta deste trabalho é caminhar na vida e obra de Edith Stein, fazendo uma leitura sobre a mesma, com base nas reflexões de Sören Kierkegaard, sobre os estádios da existência, em especial o estádio religioso, a partir das obras *Ponto de vista explicativo da minha obra como autor* (KIERKEGAARD, 1986) e *Temor e tremor* (KIERKEGAARD, [1843]). A filosofia de Kierkegaard permite uma reflexão sobre o lugar do homem na existência, a partir de suas escolhas, contrapondo-se ao pensamento pós-moderno, que visa a ditar os modelos ideais de ser e estar no

mundo, pretendendo dar conta de todos os homens e, com isto, empobrecendo e limitando seu existir e sua liberdade. Ao longo da monografia, tentar-se-á mostrar a fé e a escolha singular como possibilidades para a existência do homem.

Ao contrário, quando o homem se limita a pensar só em objetos materiais e experimentáveis e se fecha às grandes interrogações sobre a vida, sobre si mesmo e sobre Deus, empobrece-se. (BENTO XVI, 2008).

Kierkegaard buscou a reflexão sobre a existência, enquanto risco e paradoxo, e pela entrega, com temor e tremor, ao singular e mais próprio na solidão individual. Stein, apesar de, no princípio, não compreender quem era Deus, meditava, estudava e norteava suas decisões com uma aceitação refletida do que lhe parecia correto, entregando-se ao estudo da filosofia. Mais tarde enclausurou-se em um convento carmelita (daqui em diante denominado, genericamente de 'Carmelo') para viver de forma mais concreta e profunda sua busca de si e de Deus. No Carmelo, Stein buscou viver sua solidão individual. Esta era uma característica de Edith Stein: a integração entre o pensamento e o vivido.

Além do mais, bastava ouvi-la, para reconhecer que ela dava aos termos empregados o sentido exato, que falava com íntima convicção e punha em prática o que ensinava. (MIRIBEL, 2001, p. 130).

Kierkegaard buscou a vivência individual e privada de estar no mundo, abrindo mão de uma vida conjugal para que pudesse estar livre para buscar a sua verdade. Vivendo em uma "semi-clausura", viveu sua solidão individual.

A decisão por escolher este tema como trabalho de conclusão do curso de formação em Psicologia Clínica me acompanha desde a escolha pelo curso de Psicologia. Vendo que nos meios acadêmicos não encontraria abertura para levantar tal discussão, encontrei no IFEN a oportunidade de falar abertamente, como psicóloga, sobre a religião em si e a vivência da religião como possibilidade de escolha para nortear as decisões/escolhas da própria vida, visto que neste Instituto encontro uma clínica e filosofia pautada no pensamento de Sören Kierkegaard, filósofo, teólogo e escritor religioso, como ele mesmo se denomina (KIERKEGAARD, 1986). Nele encontrei alguém que fala abertamente das coisas de Deus e de fé, e me permite despretensiosamente ter um olhar sobre estas temáticas. Baseada na

filosofia kierkegaardiana, posso, tranqüilamente, passear pela filosofia, teologia e psicologia, sem ferir-lhes os princípios.

Por que estudar religião e por que a vida de uma Santa? Religião e fé fazem parte de minha formação desde sempre e um dos prazeres que adquiri desde a infância foi ler sobre a vida de santos e biografias de grandes personalidades, especialmente daqueles ligados à Igreja Católica Apostólica Romana.

A escolha por Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein), dentre tantas outras santas, se deu por ela trazer em sua origem filosófica a fenomenologia de Edmund Husserl, filosofia que lhe permitiu desenvolver diversos trabalhos unindo a fenomenologia aos tratados teológicos de São Tomás de Aquino, que discorrem sobre o encontro e a aproximação do indivíduo com e para Deus, visto que este Santo e Doutor da Igreja Católica buscava, em sua obra, harmonizar fé e razão. Esclareço que neste trabalho abordarei a fenomenóloga, mas não deixarei de lado o percurso que a fez ser canonizada pela Igreja Católica.

Academicamente, Edith Stein quebrou diversas barreiras, por ser uma das poucas e talvez uma das primeiras mulheres em Breslau a cursar uma universidade, logo tornando-se conhecida nos círculos de psicologia e filosofia da sua época. No futuro, sua fama acabaria por atrair a perseguição nazista onde quer que ela se refugiasse. Na busca incessante por seu ser mais próprio, desvendou e viveu os mistérios da doutrina católica: a crucificação, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Com uma vida e personalidade apaixonantes, encontrei em Edith Stein a exemplificação do pensamento kierkegaardiano e é isto que ambiciono mostrar neste trabalho.

Para Edith Stein, sua conversão é uma harmoniosa integração entre judeus e cristãos, onde se realizaram as promessas de que Israel é o primeiro portador e beneficiário das nações. Unindo o pensamento moderno à tradição católica, considera como um símbolo desta união a fraternidade, que estabelece em seus escritos, além de contribuir com refletida delicadeza à vocação feminina nos seus trabalhos, aulas e palestras e dando com fineza uma expressão doutrinal. Sempre delicada, cuidadosa e sutil ao expor suas idéias, às vezes era firme, principalmente por se encontrar em um meio predominantemente masculino, a fim de ser escutada. Mesmo com toda sua delicadeza, conseguia se fazer ouvir e levava os ouvintes à reflexão.

No âmbito filosófico, Edith Stein deixou marcos de originalidade. Tendo sido aluna e assistente de Husserl, se diferenciou de seu mestre, lançando uma ponte entre a filosofia contemporânea, sintetizada na fenomenologia, e a tradição medieval de São Tomás de Aquino e depois São João da Cruz, representadas nas suas obras *O ser finito e o Ser eterno* e *A ciência da Cruz*, que são uma síntese de filosofia e mística. E, no âmbito religioso, após ter passado por diversas formas de espiritualidade (religião judaica e o percurso até a conversão ao catolicismo), completou seu projeto de vida no sacrifício e na doação pela salvação do seu povo, o povo judeu.

Seu percurso do judaísmo ao ateísmo e depois ao catolicismo, para muitos se tornou um testemunho e um símbolo não somente do diálogo entre as religiões, mas de reconciliação entre pensamento e fé. Nas palavras de João Paulo II, “Esta filósofa esteve preocupada em sua vida pela busca da verdade e sua vida foi iluminada pela cruz”. (PAULO II, 1998).

Este trabalho se divide em quatro capítulos, com os seguintes temas: no primeiro capítulo, são apresentados a biografia e o pensamento de Edith Stein. No segundo capítulo, faz-se um breve histórico da vida de Kierkegaard, abordando algumas temáticas tratadas por ele, pertinentes ao trabalho, especialmente os temas que tratam de fé e religiosidade. No terceiro capítulo, são feitas algumas aproximações entre os dois pensadores. No quarto capítulo, apresenta-se o Estudo de Caso Clínico sobre Edith Stein, que visa a fazer uma leitura fenomenológico-existencial da vida da filósofa, em cumprimento da exigência da formação em Psicologia Clínica.

Algumas questões permearam o desenvolvimento do trabalho. São elas: quais as contribuições que a vida de Edith Stein (filósofa e religiosa) e o pensamento de Sören Kierkegaard (filósofo e teólogo) podem trazer para se pensar na existência do homem? Quais as relações que podem ser estabelecidas entre a vida, obra e o pensamento religioso de Kierkegaard, e a vida e obra de Stein?

Sendo assim, encontra-se em Edith Stein a possibilidade de estudar a vida de um personagem religioso, pretendendo-se, pois, contribuir para a reflexão filosófica sobre a existência e a religião.

1. EDITH STEIN - BIOGRAFIA E PENSAMENTO

Edith Stein nasceu em 12 de outubro de 1891, na pequena cidade de Breslau, Alemanha (hoje chamada Wroklav, Polônia), no dia da festa judaica do *Yom Kippur*, que significa “Dia do perdão” ou “Dia da Expição”. Esta data se torna para ela significativa e real, pois, ao tornar-se freira, buscará viver o mistério da redenção e da expiação prefigurada nas celebrações das santas missas. A caçula de onze irmãos, quatro deles falecidos ainda pequenos, sempre se mostrou com uma personalidade forte e decidida. Sua família era rígida na observância judaica e seus pais, especialmente sua mãe, criaram os filhos de forma rigorosa na educação religiosa.

Seu pai era comerciante e proprietário de uma madeireira e morreu durante uma viagem por conta de uma insolação, quando Edith tinha apenas dois anos de idade. Isto fez com que sua mãe, Auguste, sempre firme e corajosa, assumisse os negócios da família, tomando para si a responsabilidade de educar e sustentar os filhos. Alguns dizem que a senhora Stein era capaz de calcular o preço da madeira de um terreno com muita precisão só com o olhar. Sempre generosa, devolvia aos mais necessitados a quantia paga pela madeira comprada em seu comércio.

Edith Stein, através da religiosidade apreendida desde a infância, buscou a liberdade interior desde muito cedo. Ainda pequena, já apresentava traços de extrema inteligência, participando, quase como igual, das conversas e discussões do grupo de amigos de seu irmão, onde espantava a todos com suas intervenções muito maduras para sua idade. Cresceu com forte desejo de vencer, sendo firme em suas decisões, o que a fez se destacar na vida acadêmica.

Na adolescência, por volta dos treze anos – segundo alguns biógrafos ela aparentava quatro anos menos – já aprendera que, por ser judia e por ser mulher, enfrentaria muitas barreiras em sua vida. Carregou ao longo de toda a sua vida intelectual e profissional estes estigmas. Sempre uma aluna brilhante, era adiantada nas séries devido à sua inteligência. Após completar o ensino fundamental, abandonou os estudos e, por ordem de sua mãe, foi para a casa de sua irmã mais velha em Hamburgo, para aprender os afazeres domésticos. “Estava cansada de estudar”, escreveu Edith. (SCIADINI, 1999, p. 13).

Neste tempo, declarou-se atéia, apresentando desejo de encontrar convicções seguras e fundamentadas. Apesar de sua escolha pelo ateísmo, permanecia freqüentando a sinagoga com sua família a fim de evitar problemas com a mãe. Com tantos questionamentos e sem respostas, começou a pensar que Deus é transcendente e se encontra afastado daqueles que Nele acreditam. Pensava em um Deus exclusivista que se esquece do humano, só cuidando da vida material dos homens. Para ela, a vida do homem não era só matéria, pois isto violentaria sua dignidade. Entrando em profunda crise existencial e religiosa, afirmou: “perdi conscientemente a vontade de rezar”. (SCIADINI, 1999, p. 14). Porém, esta crise não a paralisou, durando apenas um ano.

Por influência de sua irmã mais velha, Erna, concluiu os estudos secundários e foi para a faculdade em busca das respostas para os seus questionamentos. Iniciou seu percurso na psicologia, sem nada encontrar. Começa então sua história de amor com a filosofia: abandona a psicologia e vai estudar filosofia, matéria que, na época, era reservada aos homens. Edith torna-se então uma das primeiras mulheres de sua cidade a ir para a faculdade.

A vida de Edith Stein foi marcada pela busca da identidade, da dignidade humana, do sentido deste mundo, da verdade do ser, da fé e de Deus. Em busca da verdade, entregou-se ao estudo da filosofia, onde encontrou seu futuro mestre, Edmund Husserl, iniciando as bases da fenomenologia, fazendo com que ela nutrisse logo uma admiração pelo filósofo e matemático que já começava a ter seus discípulos como Karl Jaspers, Max Scheler e Martin Heidegger.

Em 1913, aos 21 anos, contrariando sua mãe, transferiu-se para Gottingen, para se tornar aluna de Husserl. Logo se destacou entre o grupo. Na entrevista de admissão, Husserl descobre que aquela jovem tão inteligente já havia lido sua obra mais fundamental e importante:

- O Dr. Reinach falou-me da senhorita. Leu algumas das minhas obras? - perguntou-lhe o filósofo.
 - Li as ‘Investigações Lógicas’.
 - As ‘Investigações Lógicas’ completas?
 - Bem, até o segundo volume...
 - O segundo volume inclusive? Então a senhorita é uma heroína!
- E foi tudo. Estava aprovada para entrar no grupo. (KAWA, 1999, p. 23).

Mais tarde, Edmund Husserl disse sobre sua brilhante aluna que

Edith aprendeu muito bem a conhecer a clareza do espírito coerente e comedido da Escolástica”. [...] E continua: “é notável ver Edith descobrir, como do cume de uma montanha, a clareza e a amplidão do horizonte, com uma maravilhosa agilidade e transparência. Mas ela sabe, ao mesmo tempo, virar-se para o interior e guardar a perspectiva do seu eu. Nela tudo é autêntico. Do contrário, eu diria que sua conversão e vocação foram inventadas e fabricadas. Mas no final das contas, há no fundo de todo judeu um absolutismo e um amor ao martírio. (HUSSERL, apud MIRIBEL, 2001, p. 152).

O que a atraiu para Husserl foi o encontro de ambos com os limites da ciência em busca da verdade: Husserl se deparou com os limites da matemática; Stein, com os da psicologia. Foi na fenomenologia que ela encontrou a possibilidade da abordagem científica para questionamentos filosóficos, onde o juízo subjetivo não tem lugar e há uma reinvenção do que foi proposto até ali pelas ciências como verdade. Para ela, a fenomenologia se destacava por tratar da essência das coisas e

[...] a verdade. Não é fácil encontrá-la, tampouco assimilá-la e vivê-la ao longo de nossa vida. A mentira, o subjetivismo, o comodismo nos afastam continuamente dela. A verdade é sempre exigente e nos chama a assumir o mais difícil. Exige uma contínua revisão de nossas idéias e ideais. Nunca a encontraremos de uma só vez. (STEIN, apud SCIADINI, 1999, p. 45).

Em Gottingen, Stein alargou seus laços de amizades, amizades estas que duraram toda a sua vida. Aos 26 anos, completou seu doutorado, obtendo *summa cum laud* (máxima com louvor), a nota mais alta possível, em uma defesa que durou dez horas. No dia seguinte, tornou-se assistente de seu mestre Husserl, organizando seus estudos e ministrando aulas para iniciantes da fenomenologia, que ela chamava de “jardim da infância da filosofia”, sempre em busca de uma resposta para sua grande pergunta: ‘o que é a verdade?’.

Na tentativa de prolongar o pensamento de seu mestre, propôs uma tese onde iria estudar “a comunhão pela simpatia” (STEIN, 2004), apontando a necessidade de experiências próprias e alheias, profundas e críticas, para superar o individualismo e buscar a verdade própria. Husserl não deu atenção a sua tese pensando tratar-se apenas de uma tarefa de casa. A esposa do filósofo é quem chamou a atenção para o trabalho, considerado por ela rico e original. Aqui pode-se dizer que começaram os estudos e reflexões de Edith em busca da sua verdade

mais própria, que passa pela fenomenologia, psicologia, antropologia, pedagogia e ética.

Com a explosão da I Guerra Mundial, Edith sente-se no dever de ajudar seu país, indo para guerra como enfermeira da Cruz Vermelha, tornando-se solidária com os fracos e enfermos. Quando retorna à casa, foi premiada com medalha de honra ao mérito.

[...] sabia amar e fazer-se amar. Era discreta e reservada. Falava pouco de si. Não buscava a própria glória nem sua projeção pessoal. Seu sonho, quase natural, era o silêncio e o escondebimento, que depois de sua conversão irá tornar-se o ideal de sua santidade. 'Escondida com Cristo em Deus'. (SCIADINI, 1999, p.14).

A palavra *stein* significa “pedra” e foi o que Edith sempre soube ser: uma rocha firme sobre a qual nasceu uma espiritualidade que a preparou para enfrentar os sofrimentos que a aguardavam e que sua mãe previu por conta do dia do seu nascimento, o dia da expiação. “... o encontro com corpos destruídos e feridos pelo ódio e pela guerra eram então uma silenciosa escola, na qual aprendeu a contemplar a cruz com olhos interiores e novos”. (SCIADINI, 1999, p.17).

Terminada a guerra, Edith retornou e retomou seus estudos, inclusive a fenomenologia de Husserl. Iniciou seus estudos sobre a Escolástica¹ de São Tomás de Aquino e, nesta época, surgiu na vida de Edith Stein o padre jesuíta Erich Przywara, que a aconselhou a traduzir o relato de um líder ecumênico chamado Newman e, em seguida, lhe propôs uma tarefa importante e decisiva: traduzir o “*De Veritate*”, a questão sobre a verdade de São Tomás de Aquino. Edith se apaixonou pela vida do santo, procurando aproximações teóricas de seu outro amor, Edmund Husserl, dando início a um diálogo entre os dois e abrindo possibilidade para novos caminhos e novas leituras. Segundo Miribel, Edith Stein propôs, de início,

[...] que se admita uma única disciplina que ela denomina filosofia. Essa filosofia é obra da razão, mas de uma razão concebida num sentido bastante lato para englobar a razão sobrenatural, informada pela revelação, e a razão natural entregue as suas próprias forças. Conseqüentemente a filosofia dependerá da fé de duas maneiras: primeiro porque deve abranger as verdades da fé e depois porque, sendo a fé a mais elevada certeza, deve julgar as aquisições da razão tornando-se, assim, o fundamento da certeza filosófica. (STEIN, apud MIRIBEL, 2001, p. 73).

¹ Escolástica: expressão que designa comumente o pensamento filosófico e teológico da Idade Média, que nasceu e se desenvolveu a partir do século IX.

Este estudo originou sua obra *Ser finito e Ser eterno*, publicada em 1937 e é um encaminhamento ao conhecimento de Deus por meio da fenomenologia e da teologia. Segundo Miribel (2001), Stein reconhecia não encontrar esta noção expressamente em São Tomás de Aquino, mas procurava interpretar fielmente a atitude do santo. Na introdução desta mesma obra, Miribel afirma que Edith voltou para o pensamento que se poderia considerar tradicional.

Porém, antes de debruçar-se sobre obra de São Tomás de Aquino, Stein acreditava não ser possível entregar-se totalmente a Deus e dedicar-se ao conhecimento. Neste autor, ela descobriu que, quanto mais se está entregue a Deus, tanto mais deve-se ir ao mundo para levá-lo aos outros. Nisto constituiu-se sua missão:

Se não fosse para falar destes temas, talvez nunca subisse ao estrado para fazer uma conferência. No fundo o que tenho a dizer é sempre a mesma pequenina e simples verdade: que se pode começar a viver para Deus. Quando as pessoas esperam de mim algo diferente e me propõem temas pretensiosos, só posso tomá-los como introdução para, por fim, chegar ao meu *ceterum censeo*². (STEIN, apud KAWA, 1999, p. 58).

A busca pela verdade foi o que uniu Edith Stein a Edmund Husserl e a São Tomás de Aquino. A filosofia pôde dar a Stein a certeza da fé, já que a certeza é o número um da razão, razão que busca a plenitude das verdades. Isto foi o que permeou a busca intelectual de Stein: a verdade e o que está na essência do ser. Para ela, a busca de Deus para o homem acontece quando ele busca a si, e encontra em Deus motivo de elevação para sua alma. Em Kierkegaard, também se vê uma busca de si e da singularidade do homem, que se alcança quando este se encontra sozinho frente a Deus. A obra de Kierkegaard também pressupõe um *ceterum censeo*, pois a ela traz em desde seu início, o tornar-se cristão.

O homem, sendo a imagem e semelhança de Deus, tem em si a essência de Deus - por isto, ele é atraído por algo mais forte do que a exterioridade. Edith Stein dizia que a meta e o fim do homem são a união com Deus e o homem, por definição, é o Ser que busca Deus. Sair deste projeto é ir para o antinatural. O caminho para isto é o Cristo crucificado, por meio da fé. Cristo Crucificado, no sentido de que, para

² Expressão latina que significa, "além disso, penso...". Designa que a pessoa retorna sempre ao mesmo tema insistentemente.

o cristão (católico), a crucificação deve ser a via para o encontro do homem com Deus.

Toda compreensão de Edith Stein acerca do divino e do humano, por meio de estudo e de oração, foi exposto por ela em suas conferências. Não havia mais distinção entre o que era natural ou sobrenatural. Seu raciocínio circulava entre razão e fé e livremente escrevia sem medo de trair a razão humana. Dizia que todo ser está configurado para eternidade e que sob a luz da eternidade tem-se clareza das questões do existir. Para ela, se o pensador não tem fé, pelo menos deve permanecer, no seu caminho intelectual, aberto à *possibilidade da fé*.

Alternando seus estudos entre filosofia e pedagogia, interessou-se profundamente pelos problemas da mulher. Demonstrou isto falando e escrevendo sobre o tema, sempre propondo, como exemplo de mulher, a Virgem Maria, mãe de Jesus.

Humilde, discreta, silenciosa, esquecida de si, transparente, atenta ao escutar no silêncio a voz do Senhor e pronta para seguir sua vontade, em espírito de obediência. Uma mulher sempre disponível em casa, na vida pública, no escritório, na fábrica ou no claustro, para ajudar, aconselhar, proteger, fazer crescer. Tudo isto, porém, sem renunciar nunca (e neste princípio ela era muito firme) aos seus direitos; sem constranger a natureza no esforço de 'comportar-se como homem'. Muito pelo contrário, esforçando-se por valorizar todas aquelas faculdades próprias da natureza feminina, sem jamais sufocar, a própria individualidade; pelo contrário, reafirmando-a. (FABRETTI, 1995, p. 9).

Com isto, produziu o trabalho que lhe trouxe maior celebridade: as conferências feministas, que chamavam a mulher para a grandeza e originalidade feminina no mundo moderno. Para Stein, a mulher podia e devia valorizar suas próprias capacidades e interesses intelectuais de acordo com sua vocação. Atenta aos limites de sua época, traça um relato ideal da mulher falando de sua alma:

A alma da mulher deve ser ampla a tudo o que é humano, deve ser cheia de paz porque as fracas chamas se apagam na tempestade; deve ser luminosa para que, nos cantos escuros, não cresçam ervas daninhas; deve ser reservada, porque as interferências externas podem pôr em perigo sua vida íntima; deve ser vazia de si para deixar amplo espaço para os outros. Deve ser acima de tudo, dona de si e do próprio corpo para que sua personalidade esteja sempre pronta a servir em cada necessidade. (STEIN, apud JOSAPHAT, 1999, p. 159).

Sem ter a menor idéia do que a sua fé e o catolicismo lhe fariam almejar, Stein nutria em si o ideal do matrimônio cristão. Não demorou muito e seu ateísmo começou a ruir devido à convivência com amigos convertidos ao catolicismo e ao protestantismo, possuidores de grande fé, como Max Scheler, Adolf Reinach e sua esposa Anna.

Após a conversão, o filósofo Dr. Reinach vai para guerra, onde vem a falecer. Edith Stein, solidária a Anna, vai ao encontro da amiga, a fim de consolá-la e organizar os escritos do falecido esposo. Contudo, a encontrou cheia de esperança diante da dor da perda. A jovem filósofa compreendeu, então, que quem tem fé na cruz e na ressurreição não desanima diante da morte e que, para compreender a ciência da cruz, é necessário não só passar por ela, mas carregá-la com altivez. É possível que tenha sido esta a certeza que conduziu Edith Stein durante o curto período em que viveu no campo de concentração. Mais tarde escreveu como ela a encontrou:

Foi aquele o meu primeiro encontro com a cruz, a minha primeira experiência com a força divina que emana da cruz e se comunica aqueles que a abraçam. Pela primeira vez foi-me dado contemplar, em toda sua luminosa realidade, a Igreja nascida da Paixão salvífica de Cristo em sua vitória sobre o aguilhão da morte. Naquele momento minha incredulidade desmoronou. Esvaiu-se o judaísmo e Cristo levantou-se radiante diante do meu olhar. Cristo no mistério salvífico de sua cruz. (STEIN, apud FABRETTI, 1995, p. 36).

“Encontrara-o na honestidade de Husserl, no fervor de Scheler, na bondade de Reinach, na resignação e na esperança de Paulina”. (FABRETTI, 1995, p. 36). Mas, o encontro definitivo e avassalador de Edith Stein com Jesus Cristo se deu na casa de seus amigos, o casal Conrad-Martius, onde os filósofos e os pensadores se reuniam para estudar e divagar sobre filosofia.

Numa destas noites, Edith, aproveitando que estava só, buscou na equipada biblioteca do casal alguns livros para ler. O volume escolhido ao acaso foi um de Santa Teresa D'Ávila. Não há fontes de qual livro ou qual trecho ocasionou o processo de conversão de Edith Stein. Alguns autores afirmam que foi a obra *O livro da vida*.

De posse deste livro, iniciou a leitura e, muito envolvida, permaneceu a noite toda debruçada nos escritos da santa. Ao amanhecer, terminando a leitura, exclamou: “Esta é a verdade!” Edith tinha encontrado a verdade Naquele que há

alguns anos abandonara. Descobriu que a verdade que buscava estava em Deus. O encontro entre duas grandes mulheres (Teresa D'Ávila e Edith Stein), duas apaixonadas pela verdade, faz Edith Stein compreender que o Deus de que Teresa falava não era nenhum fenômeno ou idéia, mas uma “pessoa” viva, com a qual é possível um diálogo aberto e repleto de amor.

O processo de conversão está desencadeado [...] quando Deus irrompe uma alma não há mais jeito de sair d'Ele. [...] para os descrentes tudo isto não passa de pura casualidade; para nós que temos fé, é o Kairós de Deus, o tempo oportuno. (SCIADINI, 1999, p. 22).

Resolvendo não procurar mestres especiais, Edith partiu para uma livraria para comprar um Missal e um Catecismo da Igreja Católica, que estudou atenta e profundamente, como tudo que fazia. Foi então que participou pela primeira vez da Santa Missa e, ao final dela, foi ao encontro do padre da paróquia a fim de pedir que a batizasse. Espantado, o padre lhe afirmou que para isto era necessária uma preparação prévia. Ela apenas pediu que ele a perguntasse o que quisesse que ela responderia. E assim ele fez. Admirado com o conhecimento daquela moça, consentiu o Batismo. Stein não encontrara na religião hebraica o que a fizesse crer na existência de um “Deus pessoal”, declarando em um momento de sua vida que “sua busca pela verdade era uma contínua oração”. (FABRETTI, 1995).

Em 1º de janeiro de 1922, aos 31 anos, depois de uma noite passada em oração, Edith Stein recebeu o Batismo, tendo por madrinha a senhora Conrad-Martius. Nesta ocasião, mudou seu nome para Teresa Conrad-Martius em honra à Santa Teresa e em homenagem à amiga. Em Santa Teresa, encontrou as respostas que não tinha achado em nenhum livro de filosofia até aquele momento. Sua profissão de fé foi feita em latim para afirmar sua adesão à Igreja; no entanto, não perdeu sua estima pela religião hebraica.

Já convertida, Stein não se distanciou de sua religião materna; pelo contrário, pôde compreender melhor a mensagem de Jesus dada a seu povo, mas que eles não entenderam. Particularmente, não se recusou a acompanhar todas as semanas sua mãe à sinagoga. Lá rezava e escutava tudo atenciosamente. Porém, seu coração se inquietava, afinal, sabia que sua mãe não aceitaria sua conversão ao catolicismo. No entanto, um dia corajosamente ajoelhou-se aos pés de sua mãe e disse: “Mamãe, sou católica”. Foi a primeira vez que Edith viu aquela mulher forte, a

senhora Stein, chorar. Os espíritos daquelas duas almas que se amavam estavam separados em suas crenças e fé. Neste tempo, distanciou-se de seu mestre Husserl e se debruçou sobre São Tomás de Aquino. Neste, tudo lhe parecia mais completo.

Stein dividia seu tempo entre ministrar aulas, fazer caridade e orar, vivendo como leiga no convento das irmãs dominicanas. Buscava na oração esvaziar-se de si e encontrar forças para não desanimar. No convento, dava aulas de literatura alemã e era conselheira de muitas alunas.

Já se fascinava com as liturgias Beneditinas e Dominicanas; porém, o que ela buscava era estar “a sós com Aquele que sabemos que nos ama”, como dizia Santa Teresa D’Ávila. Edith já contemplava morar em um convento carmelita, queria viver na clausura inteiramente para Cristo. Para que sua mãe não sofresse mais e, seguindo os conselhos de seu diretor espiritual, Edith adiou por um tempo sua entrada no Carmelo. “Sempre suspirei pelo Carmelo – disse – porque sempre tive convicção de que Deus me preparava alguma coisa que somente ali poderia encontrar”. (STEIN, apud FABRETTI, 1995, p. 47).

Alguns autores, sem conhecer ou compreender a vida contemplativa no Carmelo, levantaram a possibilidade dela ir para o convento por “fuga” da perseguição nazista quando, na verdade, sua decisão se deu pelo desejo do silêncio e da realização na oração. Estava consciente de sua vocação. Em sua autobiografia, explicou o porquê de sua escolha pelo Carmelo:

Sabia somente que o Carmelo, com sua essencialidade, com sua ação fundamental na alma contemplativa, seria capaz de realizar nesta criatura eleita aquela divina semelhança com o Cordeiro Imolado, que devia torná-la participante da morte violenta do filho de Deus para a salvação do povo. Porque o Carmelo reduz a alma ao nada para abri-la a Quem, em seu amor transbordante, quer invadi-la e torná-la seu tudo. (STEIN, apud SCIADINI, 1999, p. 32).

De acordo com Miribel (2001), seu mestre Husserl escreveu em uma carta dirigida a Edith Stein:

Dois anos antes da sua morte, o mestre que envelhecia, fez esta observação que revelava um pouco do íntimo de seu pensamento: [...]A vida do homem não é outra coisa que um caminho para Deus. Tentei chegar ao fim sem o auxílio da teologia, de suas provas, de seus métodos; em outras palavras, quis chegar até Deus sem Deus. Era preciso eliminá-lo de meu pensamento científico para abrir caminho para aqueles que não conhecem como você a estrada

segura da fé que passa pela Igreja... Tenho consciência do perigo que tal procedimento acarreta e do risco que eu mesmo corri, se não me sentisse profundamente ligado a Deus e cristão no fundo do meu coração'... (MIRIBEL, 2001, p. 112-113).

Sobre seu mestre, Edith uma vez escreveu: “Nunca gostei de pensar que a misericórdia de Deus esteja confinada na Igreja visível, Deus é a verdade. Quem procura a verdade procura a Deus, sabendo ou não” (STEIN, apud SCIADINI, 1999, p. 46). Suas certezas em Deus só aumentavam e sua conversão a fez aprender que Jesus tem uma casa, onde Ele continua a ensinar os seus discípulos animados com seu espírito. Esta casa é a Igreja onde paradoxalmente ela será atraída para “o escândalo para os judeus”: a Cruz.

Após sua conversão, Edith permaneceu aprofundando sua fé e começou a lecionar literatura alemã no colégio das irmãs dominicanas devido a suas qualidades intelectuais e pedagógicas. Mas, em nenhum momento, deixou de lado o desejo de ir para o convento e de se vincular a uma instituição. Seguiu suas práticas com rigidez. Segundo Miribel, algumas ex-alunas relataram que ela mantinha-se sempre de pé enquanto rezava e enquanto ministrava suas aulas, sempre muito concentrada, vivendo para a contemplação. A filósofa voltava-se cada vez mais para a oração, liturgia e teologia.

Em 1933, na casa de um amigo, tomou conhecimento das atrocidades realizadas pelo regime de Hitler sobre o povo judeu. Em seu coração entristecido, pensou que Deus deixara pesar sua mão sobre o povo judeu e rezou, pedindo que seu destino fosse o mesmo de seu povo.

Com toda a perseguição aos judeus, Stein já não podia mais continuar dando suas aulas, pois as portas estavam se fechando, “já não havia mais lugar na Alemanha” para ela. A hora de ir para o Carmelo tinha chegado e, ainda no ano de 1933, Edith Stein entrou para o Carmelo de Colônia para se tornar freira.

Diante desta decisão, ela foi avisada que não poderia mais continuar seus estudos, regra que mais tarde foi quebrada por ordem do Bispo, para que as reflexões daquela alma tão inteligente não se perdessem, permitindo continuar suas contribuições filosóficas e teológicas. Também lhe foi autorizado que levasse seus livros e seus escritos, dentre os quais constavam volumes de filosofia e teologia.

Edith Stein buscava viver a paixão de Cristo e o fazia por todas as vias que lhe fossem impostas em total obediência a Deus e ao Carmelo.

Eu desejo somente que a morte me encontre num lugar separado, longe de todo o trato com os homens, sem irmãs de hábito a quem possa dirigir-me, quero que Deus me prove como a um servo. Depois de provar meu trabalho e meu caráter, quero que me visite com enfermidade. Como me há tentado na saúde e na força, quero que me tente na humilhação... Dignai-vos, Senhor, coroar com martírio a cabeça da vossa indigna serva (SCIADINI, 1999, p. 36).

Aos 42 anos, no dia 15 de outubro, na festa de Santa Teresa, Edith Stein entraria na clausura, entregando-se totalmente a Deus. Porém, a prova mais dura que enfrentou foi antes de ir para o convento: contar a sua mãe e à família sua decisão. A data escolhida foi o dia do seu aniversário, quando estaria reunida com todos os seus, vivendo seus últimos momentos antes da clausura.

Como já esperava, todos foram contra sua decisão. Sua mãe tentou convencê-la do contrário dizendo, após assistirem juntas aos ritos na sinagoga que, na religião judaica, Edith também poderia ser religiosa, Ouviu da filha a resposta de que isto “só seria possível quando ainda não se conheceu outra coisa”. Ao final daquele dia, antes de partir, mãe e filha se abraçaram longamente. Este seria o último abraço das duas, pois Auguste Stein logo morreria, já que se encontrava com idade bem avançada.

Sua família não entendia e não aceitava o fato de Edith ter abandonado a religião hebraica, tão bem ensinada pela mãe, para se tornar membro de uma religião por eles considerada de supersticiosos. Como ela poderia ter esquecido todo o ensinamento de sua mãe e tudo o que viveu junto de sua família?

Stein tinha uma certeza muito singular da escolha que fazia para sua vida. Graças aos ensinamentos e criação de sua mãe, lhe foram abertas diversas possibilidades de escolha. Com a exigência pelos estudos, ela se preparou para o mundo e, em paralelo, quando não quis mais estudar, a mãe lhe preparou para ser uma dona de casa e mulher nos moldes da época. No entanto, com a vivência e os ensinamentos da religião na família, a senhora Stein também plantou a semente de uma escolha por viver de fé e para a fé, não importando de que forma fosse. Assim, muitas possibilidades estavam postas à mesa, porém, só Edith Stein poderia escolher de uma forma única e singular que caminhos sua vida seguiria.

Não, Edith não tinha se esquecido de nada! Tudo tinha permanecido em sua memória e em seu coração. E orgulhava-se, no fundo de sua

alma, de se sentir 'filha' daquele povo cuja piedade, fé e força moral ela tanto admirava. As grandes figuras da Bíblia, sobretudo as mulheres Ester, Judite..., como também a figura de sua mãe que, segundo ela, 'era o modelo de todas as virtudes', constituíam para ela uma fonte inexaurível de inspiração e meditação. (FABRETTI, 1995, p. 29).

Questionada sobre sua conversão, Stein responde que o segredo por ela guardado era só dela e, mesmo com tudo que havia ocorrido naquele dia, ela partia com seu coração em paz, certa de que agora estava livre e inteira para se entregar aos desígnios de Jesus. Sua vocação era se doar, entregar sua vida, em expiação pelo povo judeu, por isto escolheu como nome religioso: Irmã Teresa Benedita da Cruz. Gostava de salientar a conotação em latim de seu nome, "Theresia Benedicta a Cruce": "Teresa Abençoada pela Cruz".

Todo o caminho de preparação de Edith Stein para a profissão dos votos, onde se tornaria a Irmã Teresa Benedita da Cruz, foi fruto e obra significativa de seu estudo, explicação e meditação profunda da obra de São João da Cruz, chamada Ciência da Cruz, sobre a qual mais tarde ela produziria uma síntese espiritual com o mesmo nome. Estes escritos foram feitos às pressas, porque sabia que sua hora de se entregar pelo povo judeu estava próxima.

Edith teve autorização de sua superiora para continuar com seu hábito de escrever semanalmente à sua mãe, porém nunca obteve resposta. Ela pedia a todos que lhe escreviassem, assim como ela também fazia, que rezassem por sua mãe. Em 14 de setembro de 1936, dia da "Exaltação da Cruz" e dia em que a irmã Teresa renovava seus votos, recebeu a notícia da morte de sua mãe, aos 87 anos. Por mais que dissessem que a senhora Stein havia se convertido, Edith não acreditava e afirmava que a fé que a mãe aprendera desde a infância fora sempre praticada firmemente, permanecendo viva até o fim da sua vida.

Em 1938, as represálias aos judeus haviam aumentado e Hitler convocara os cidadãos a votar. Irmã Teresa incentivava as irmãs do Carmelo a absterem-se de votar, mas, com medo de que as portas do convento se fechassem, seus conselhos não foram ouvidos. Neste mesmo dia, dia das eleições, Edith foi convocada por dois senhores a ir "dar seu não", pois temia por suas irmãs do convento. Os dois policiais da Gestapo já sabiam que se tratava de uma não-ariana convertida e já a olhavam há um tempo mais de perto.

Sua estada no claustro, após a vitória de Hitler, havia se tornado perigosa para ela e para outras irmãs, o que fez com que começassem secretamente a providenciar sua transferência. Em 31 de dezembro de 1938, Irmã Teresa Benedita da Cruz foi transferida para o Carmelo de Echt, na Holanda. De lá, escreveu à sua supervisora, pedindo permissão para se oferecer como vítima de expiação pela verdadeira paz, a fim de que desmoronasse o caminho do anticristo, possivelmente sem uma nova guerra mundial. Disse: “Sei que sou nada, mas Jesus assim o quer. Não há dúvida de que ele dirija este apelo a muitas outras almas, nestes nossos dias”. (STEIN, apud MIRIBEL, 2001, p. 140). Era o ano de 1939, Domingo e dia da Paixão do Senhor, e Stein se entregava por amor a seu povo e por amor a Jesus, como Ele mesmo fez.

Ainda em 09 de junho do mesmo ano, escreveu: ‘desde já aceito a morte que, em submissão à sua vontade, o Bom Deus reservou para mim. Que Ele se digne a acolher minha vida e minha morte... em expiação pela incredulidade do Povo de Israel, pela salvação da Alemanha e do mundo’. Sentia que sua hora, a hora de se doar como o cordeiro imolado estava ainda mais próximo de chegar. (FABRETTI, 1995, p. 63).

No tempo em que Edith esteve no Carmelo de Echt, viveu uma grande alegria, pois sua irmã Rosa, que já havia se convertido ao catolicismo há algum tempo, havia se juntado a ela. A conversão de Rosa aconteceu de forma velada, sendo revelada e batizada somente após a morte da mãe de ambas. Rosa foi acolhida no convento e recebeu a função de porteira. Não chegou a fazer os votos, mas serviu com obediência e piedade a todos os necessitados.

A alegria de Stein durou pouco. Ainda em 1939, as tensões da guerra haviam chegado à Holanda, e junto, a perseguição aos judeus convertidos. Hitler, após saber da carta do Bispo repreendendo-o pela perseguição ao povo judeu, reagiu rapidamente e, quebrando sua promessa de não perseguir os que fossem convertidos, decretou a prisão de todos os judeus convertidos à Igreja Católica - o que incluía as Irmãs Teresa e Rosa.

Stein apressava-se em concluir seus escritos sobre a tradução e comentários da obra de São João da Cruz, sabendo que sua *via crucis* estava para começar e não querendo deixar uma obra inacabada. Dedicava todo seu tempo livre a escrever, porém nunca desobedecia ao toque do sino do convento que avisava as

irmãs de suas obrigações espirituais. Algumas freiras e noviças impressionavam-se ao vê-la até altas horas da noite acordada escrevendo e, ainda assim, era a primeira a estar na Capela para a oração da manhã.

Novamente, começaram a tratar da transferência das irmãs Stein para o Carmelo da Suíça. Infelizmente, encontraram muitos obstáculos, e Edith teve que se apresentar novamente à Gestapo, onde foi interrogada asperamente porque sempre chegava dizendo, com um sorriso, “Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo!”.

Em 02 de agosto de 1942, às dezessete horas, Irmã “Teresa Abençoada pela Cruz” e Rosa foram levadas pelos oficiais da Gestapo, onde receberam a ordem de só levar um cobertor, um copo, uma colher e “vivendas” para três dias. Poucos dias de vida restavam às irmãs judias convertidas ao catolicismo.

As irmãs Stein foram mortas na câmara de gás no dia 09 de Agosto de 1942, no campo de concentração de Auschwitz. Os eventos foram contados mais tarde por testemunhas sobreviventes ao massacre de Auschwitz. Irmã Teresa Benedita da Cruz, do campo, ainda enviou uma carta a sua superiora, na qual dizia:

Estou contente com tudo. A Scientia da Crucis pode-se conquistar somente quando a cruz pesar com todo seu fardo. Disto estava convencida desde o primeiro momento e disse de coração: *Ave Crux, spes unica*. (Salve cruz, única esperança). (STEIN, apud FABRETTI, 1995, p. 69).

Os sobreviventes ao campo de concentração relataram a tranquilidade e serenidade, e as palavras de consolo, alento e as orações que saíam da boca de Edith Stein (MIRIBEL, 2001). Lá havia uma irmã entregue totalmente, disponível a servir aos desesperados e às crianças desamparadas pelo desespero de suas mães. Edith cuidava de todos como se fossem o próprio Cristo, sempre esperando seu encontro com Ele. Sua entrega total pela fé nos possibilita a compreensão do que para os descrentes seria um total absurdo.

Desde 1938 tinha escrito: ‘tenho certeza de que Deus aceitaria minha vida’. Penso sempre na rainha Ester que foi escolhida exatamente para interceder por seu povo diante do rei. Sou uma pequena Ester pobre, impotente, mas o Rei, que me escolheu, é infinitamente grande e misericordioso. Esta é uma grande consolação. (FABRETTI, 1995, p. 70).

Após sua morte, outros se debruçaram sobre seus escritos, trazendo à tona toda a riqueza de seus trabalhos e sua dedicação, a fim de mostrar Edith Stein à Igreja e ao mundo. Mostraram que o caminho percorrido por ela para chegar a Deus passou pela fenomenologia e filosofia. Sciadini (1999) afirma que a ciência não pode ser contrária a Deus e que os caminhos para buscar a Deus podem ser muitos e variados.

Os primeiros estudos de Santa Teresa Benedita da Cruz apareceram timidamente, na década de 50, e chamavam a atenção pela simplicidade e profundidade. Sem deixar a filosofia de lado, seus temas eram principalmente religiosos.

“A mulher deve estar ao lado do homem, não no lugar dele, e nem mesmo um degrau abaixo” (FABRETTI, 1995, p. 5). Ecoavam no discurso de Edith Stein palavras que faziam certo alarde naqueles que a escutaram discursar. Pequena, de traços fortes, vestia-se modestamente, falava baixo sem gesticular - quem a visse, nada via de revolucionário. Corajosa, respeitada e reconhecida nos meios acadêmicos, ciente de suas idéias, continuava:

[...] todas as profissões especificamente masculinas podem ser desempenhadas pela mulher, o seu acesso aos mais variados cargos diretivos, profissionais ou técnicos seriam uma bênção para toda a vida, tanto social quanto pública. (STEIN, apud FABRETTI, 1995, p. 6).

Essas idéias na década de 30 eram quase inaceitáveis, pois a mulher, de acordo com Hitler, só poderia ser mãe e dona de casa. Qualquer uma que não seguisse este pensamento estava indo contra o regime nazista.

As obras de Edith Stein nos põem em contato direto com a humanidade total da mulher Edith, visto que, para ser santo, é preciso primeiro ter sido homem (humano) como todos os outros. O sobrenatural aparece enraizado no natural. Para ela, o homem está no mundo em busca de Deus. Na sua juventude, ela não recebeu mais do que os outros jovens, não tinha dons especiais, tinha apenas fome de saber e “aptidão para beber até o fim da taça do vinho puro do pensamento”. (MIRIBEL, 2001, p. 19).

O que torna a filosofia da doutora Stein digna e merecedora de respeito é a autenticidade e autoridade filosófica que sua vocação traz. Para ela, *tudo* foi *nada* e “poucas coisas” diante de seus olhos (ou seja, o tudo que ela doava a Deus e aos

homens) era nada diante do que o próprio Cristo fez. Encontra-se uma entrega profunda aos ensinamentos e as orações, seriedade adquirida devido a suas raízes judaicas, raízes transmitidas por sua família, que ensinou a fidelidade e o recolhimento na fé. Isto trouxe à sua alma um impulso desde sempre para Deus, ou seja, uma abertura desde sempre para Deus.

Como filósofa, não se preocupou em compreender o sentido das provações vividas pelo povo judeu. Como judia, reconhecia a mão de Yahvé pesando sobre seu povo. Como cristã, compreendia, iluminada pela cruz de Cristo, o sentido e o alcance das provações. “Eis aí o segredo de sua morte e o sentido de sua vida”. (MIRIBEL, 2001, p. 24). O verdadeiro martírio não é entregar-se logo em sacrifício, mas entregar-se somente quando a prudência for desnecessária, para não parecer que se tenta a Deus.

Assim, ela procurou representar seu martírio não como um suicídio, mas como um despojamento nas mãos de Deus. Corajosa e, mais uma vez, vivendo do que acreditava, venceu-se, reinando sobre sua própria vontade. Para Edith Stein, isto era ter coragem: vencer-se reinando sobre sua própria vontade, fazendo em tudo, totalmente a vontade de Deus.

Stein não sufocou sua humanidade: assumiu para uma amiga que temia e se sentia triste ao saber que logo ela e sua família seriam vítimas de Hitler. Enquanto pôde livrar-se do que viria a ser seu destino, ela o fez. Buscou outros Carmelos para refugiar-se enquanto lhe foi possível e até quando seu destino lhe fosse inevitável e a prudência desnecessária.

Como professora, ela podia e desfazia os “laços da ilusão” (KIERKEGAARD, 1986), despertando nas alunas e nas religiosas que instruía personalidades autênticas e marcadas pelo seu ensino e testemunho.

Ela exercia sobre as religiosas uma influência notável. [...] e de fato soube despertar e desenvolver personalidades que são, ainda hoje, forças vivas do mosteiro. Durante as festas do Jubileu do Convento de Santa Madalena, o mais antigo da diocese de Spira, Edith parecia mais uma Dominicana no meio das Dominicanas que uma auxiliar de ensino, embora já guardasse no mais fundo do coração sua vocação pelo Carmelo! (MIRIBEL, 2001, p. 88).

Em resumo, Edith Stein quando criança foi uma aluna de destaque por sua inteligência primorosa. Quando estudante, uma apaixonada pela busca do saber, da

verdade e da justiça. Quando Carmelita, entregou-se sobremaneira aos mistérios da fé cristã e conheceu o Amor Divino. Sob a luz do evangelho, compensou-se de toda violência que se seguiu até a sua morte. Em Fevereiro de 1950 o Jornal Oficial da Holanda tendo publicado a lista das vítimas mortas em deportações, trazia a seguinte indicação:

N. 44.074. EDITH-TERESA- HEDWIGE STEIN.
Nascida em 12 de outubro de 1891, em Breslau.
Procedência de Echt, (morta) em 9 de agosto de 1942 (MIRIBEL, 2001).

Edith Stein, a Irmã Teresa Benedita da Cruz, se entregou à sua cruz por amor a seu povo, implorando a Deus misericórdia por eles, para a Alemanha e para o mundo. Neste mesmo campo, em 1979, o Papa João Paulo II exaltou o heroísmo de Edith Stein. E em 1º de maio de 1987, na ocasião de sua visita à Alemanha, João Paulo II beatificou Edith Stein e a declarou bem-aventurada. Finalmente, em 11 de outubro de 1998, aquela que viveu e morreu à luz da festa da expiação e da cruz foi canonizada santa, pelo mesmo Papa, João Paulo II, que instituiu como dia de comemoração da devoção à santa a data de 09 de outubro. A máxima que ela nos deixou e que resume todo o significado de sua busca é: “Quem procura a verdade, procura necessariamente a Deus, sabendo-o ou não”.

2. SÖREN KIERKEGAARD - BIOGRAFIA E PENSAMENTO

Sören Aabye Kierkegaard nasceu em 05 de maio de 1813 em Copenhagen (Dinamarca). Sétimo filho de Michel Pedersen e Anne Sörensdatter Lund, seu pai era um comerciante bem sucedido e aparentemente piedoso, que trazia desde a sua adolescência uma grande culpa por ter amaldiçoado a Deus. Por este motivo, Michel Pedersen acreditava que seria punido ao longo de toda sua vida e, por se sentir culpado, obrigava Sören a ouvir sermões que infundiam temores de condenações eternas ao jovem “filho de satanás”, visto que a mãe de Kierkegaard fora uma criada da primeira esposa de Michel Pedersen.

A educação de Sören Kierkegaard foi bem rigorosa, o que o fez declarar mais tarde que fora um velho desde a mais tenra infância, não tendo nem infância e nem juventude. Todos os irmãos de Kierkegaard morreram cedo, com exceção de um chamado Peter Christian, transformando-o em um homem com uma profunda tristeza e profunda melancolia.

Sempre muito estudioso, graduou-se na universidade em Teologia e Filosofia. Chegou a se preparar para ser pastor, mas, percebendo que na instituição em que vivia existia um desacordo entre as vivências e as atitudes por parte dos membros da instituição, abandonou este projeto.

Viveu toda a sua vida na cidade em que nasceu, exceto logo após o rompimento de seu noivado com Regine, quando foi para Berlim. Não trabalhava e, em 1838, quando seu pai morreu, passou a viver da herança deixada por Michel, o que permitiu colocar em prática o desejo de viver para escrever, como ele mesmo dizia, sem que se passasse um dia sequer sem escrever uma página.

Kierkegaard tinha uma natureza polêmica de duplicidade do seu pensamento. Assim como Edith Stein, a vida e pensamento de Kierkegaard eram indissociáveis, como afirma Gouvêa (2002). Levado pela ironia, dizia que para ele tudo era dialética (KIERKEGAARD, 1986). Desta duplicidade, surgiram grandes obras escritas por ele, com o intento de chegar aos homens onde estes se encontram, como *O diário de um sedutor*, *É preciso duvidar de tudo*, *Ou... ou*, *O matrimônio*, dentre outras.

Kierkegaard tornou-se um jovem muito visto nos cafés e ruas da cidade. Muito ligado à literatura, música e teatro, acumulou dívidas em todos os lugares. Estava

vivendo como um verdadeiro esteta, muito parecido com o personagem Johannes, de seu livro intitulado *O diário de um sedutor* (2002). Sobre esta época, disse:

Em vão procurei uma âncora no mar sem limites do prazer assim como nas profundezas do conhecimento; eu sentia a força quase irresistível com que o prazer estende a mão ao seguinte; eu senti o entusiasmo falso que ele é capaz de produzir; eu também senti o tédio, o despedaçamento que segue em seus calcanhares. Eu provei dos frutos da árvore do conhecimento e várias vezes me deleitei em seu sabor. Mas esta alegria foi apenas no momento do conhecimento e não deixou marcas mais profundas em mim... (KIERKEGAARD, apud GOUVÊA, 2002, p. 323-324).

Aos vinte e quatro anos, Kierkegaard apaixonou-se por uma jovem dez anos mais moça do que ele, chamada Regine Olsen. Com dois anos de namoro, ficaram noivos, marcando a data do casamento. Na medida em que o casamento se aproximava, Kierkegaard foi tomado por um grande receio que converteu suas dúvidas em um quase pânico. Isto o levou a romper seu noivado e também a romper com as regras sociais de sua época. As súplicas de Regine para que reatassem o noivado não surtiram muito efeito e causaram um grande escândalo na sociedade local, fazendo com que ele fugisse por um tempo para Berlim.

Se me pedisse que explicasse minha conduta, teria sido obrigado a iniciar minha noiva em pensamentos terríveis, nas relações com meu pai, em minha melancolia insondável, na noite eterna que vivo no mais íntimo do meu ser. (KIERKEGAARD, 2003, p. 122).

Há suposições de que, pelo fato de Kierkegaard ter ouvido com frequência falar dos males da carne, ele tenha criado tabus sexuais que o impediam de viver com Regine Olsen, assim como ter que viver as obrigações matrimoniais e os ideais de felicidade terrena. Sua grande preocupação era a pureza de sua alma e, por isto, ele não queria revelar-se à noiva. Kierkegaard libertou Regine para “a carne” e se libertou para o “espírito”. Esta, anos depois, casou-se com outro, deixando Kierkegaard em profunda depressão. Ele nutriu por ela um grande amor e dizem que, ao morrer, ele teria deixado o restante de seus bens para ela, tendo escrito a obra *Ou... ou*, em 1843, pensando nela e no pai. “Devo tudo à sabedoria dum ancião e à simplicidade duma jovem”. (KIERKEGAARD, 2003, p. 123).

Quando retornou à Dinamarca, Kierkegaard dedicou-se à filosofia da religião, começando a escrever diversos livros, todos escritos de forma irônica, engenhosa e

franca. O que lhe importava era encontrar uma idéia pela qual estivesse disposto a viver e a morrer (GOUVÊA, 2002). Agora, pautava seu caminho no que mais tarde chamou de “vida ética”, ou seja, tentava refazer sua vida de uma forma mais organizada.

Já havia rompido com as formas de sistemas que estabelecem regras sociais e com instituições sistemáticas (fim do noivado e desistência da vida consagrada de pastor) – dentre estas, se incluía a Igreja do Estado da Dinamarca. Este rompimento não significou um rompimento também com Deus; na verdade, ele havia rompido com a instituição dinamarquesa e com a sua falta de verdade na vivência da fé por parte de seus membros:

[...] mas eu nunca rompi definitivamente com o cristianismo nem renunciei a ele. Atacá-lo nunca foi minha idéia. Não, desde o tempo em que poderia haver alguma questão sobre o uso de minhas forças, eu estava firmemente decidido a empregá-las todas para defender o cristianismo, ou pelo menos para apresentá-lo em sua verdadeira forma... (KIERKEGAARD, apud GOUVÊA, 2002, p. 322).

Gouvêa continua, dizendo que

Kierkegaard não era contra o cristianismo como tal ou contra a Igreja invisível de Cristo. Sua luta foi contra a Igreja Estatal da Dinamarca, contra a própria idéia de uma igreja estatal, e contra uma noção de uma cristandade genuinamente cristã, à qual ele achava ter sido enviado como missionário [...] (ibid., p. 336).

Em 1838, Kierkegaard começou a mostrar desejo de voltar-se para o pensamento cristão e o cristianismo, buscando uma direção que ampliasse sua intimidade com estes temas. Como escritor religioso, queria levar a todos suas reflexões religiosas a fim de promover uma relação do homem com Deus. “[...] a sua principal preocupação era realçar que o que funda o caráter sagrado da pessoa é, antes de mais, a relação desta com Deus” (BRUN, 1986, p. 14). Este episódio se deu bem próximo à morte de seu pai, em agosto de 1838. Apesar de toda a repressão e rigor paterno, Sören Kierkegaard tinha um grande amor e admiração por ele, o que aparecia em seus diários. Agora, Kierkegaard estava pronto para “iniciar seu trabalho como autor”. (GOUVÊA, 2002). Ainda em 1838, publicou seu primeiro livro chamado *Dos papéis de alguém que ainda vive*, que é uma crítica ao romance *Apenas um tocador de violinos*, de Hans Christian Andersen. Em 1841, entregou e

defendeu sua dissertação de doutorado, *O conceito de ironia*, que “é um estudo comparativo da prática da ironia em Sócrates e nos autores românticos” (ibid., p. 328). Ele estava descobrindo que sua missão era ajudar as pessoas a chegar ao genuíno significado do cristianismo. Acreditava que devia explicar à sociedade de Copenhagem o que é ser cristão e como fazer para sê-lo. Eis porque Kierkegaard se tornou um autor:

Esta pequena obra propõe-se, pois, dizer o que sou verdadeiramente como autor, que fui e sou um autor religioso, que toda minha obra de escritor se relaciona com o cristianismo, com o problema do tornar-se cristão, com intenções polêmicas directas e indirectas contra a formidável ilusão que é a crmandade, ou a pretensão de que todos os habitantes de um país são, tais quais cristãos. [...]
Rogo a todo homem votado de coração à causa do cristianismo, e tanto mais encarecidamente quanto mais querida ela lhe for, que tome conhecimento desta modesta obra, sem curiosidade, mas com recolhimento, como se lê um escrito religioso. (KIERKEGAARD, 1986, p. 22).

Em Kierkegaard, ser cristão significa o cristianismo puro em todo o seu absurdo, pois envolve a fé daquele que crê nos desígnios de Deus e na missão de Cristo enquanto redentor da humanidade por meio do Amor. Ser cristão é viver em concordância com a vida e as palavras de Cristo.

Na crmandade, as idéias de Cristo são transformadas em algo utilitário e benéfico ao social. O sentido original de ser cristão é manipulado. Aquele que está na crmandade vive na ilusão e prega aquilo que não vive e não faz, criando uma ilusão das massas. Na modernidade, a ilusão de ser eterno é uma forma de crmandade. Nas palavras de Brun, “Kierkegaard pensa, portanto, que a providência o investiu de uma missão: a de dizer que a crmandade não é mais do que uma sociedade mundana vivendo na ignorância do temor e do tremor...”. (BRUN, 1986, p. 12).

Kierkegaard disse ainda: “[...] compreendi que o meu dever religioso é servir a verdade com uma abnegação em que a minha tarefa foi defender-me, por todos os meios, da benevolência e da consideração”. (KIERKEGAARD, 1986, p. 23).

Kierkegaard prosseguiu escrevendo diversos outros livros pseudonímicos, publicados entre 1843 e 1846. Paralelamente, também escrevia artigos religiosos assinados com seu próprio nome. Todos com o mesmo objetivo: se firmar como um escritor religioso. Os artigos assinados por pseudônimos faziam parte do método da

comunicação indireta, através do qual ele poderia atingir com suas idéias todos os leitores que estivessem na ilusão de ser o que não eram, não podendo ser atingidos de forma direta, que fortalecia a ilusão. Assim, com estas obras chamadas 'estéticas', pretendeu ir onde o outro estava para tirá-lo da ilusão.

Ao considerar minha obra total, é-me naturalmente indiferente saber em que medida um público de supostos estetas encontrou ou poderia encontrar prazer em ler toda ou parte desta produção estética, que é o incógnito e o embuste ao serviço do cristianismo; sou, com efeito, um autor religioso. (KIERKEGAARD, 1986, p. 22).

As obras assinadas por ele (veronímicas) refletiam o pensamento e o sentimento de Kierkegaard diretamente. Gouvêa (2002) conta que Kierkegaard teve uma segunda fase como autor com os escritos religiosos, dentre os quais constam *Os discursos edificantes* e *As obras do amor*.

A principal regra cristã, segundo Kierkegaard (2003), está em *edificar*. Algo que seja dito ou escrito que não tenha este objetivo torna-se acristão. As obras de Kierkegaard obedecem a esta regra, visando sempre a edificar para que o homem busque, a partir de um incômodo gerado pela leitura de seus textos, uma conversão do exterior para o interior de si mesmo, tomando decisões de forma íntegra e consciente frente à própria vida.

Desespero e angústia são questões que permeiam a existência e o pensamento kierkegaardiano, sendo ambos abordados como questões psicológicas. Para o pensador dinamarquês, não há melhor conhecedor do desespero humano do que o psicólogo, porque este sabe precisamente que a maioria das pessoas vive sem ter consciência do seu destino. Kierkegaard fala da possibilidade de se viver uma liberdade na qual o homem está implicado não só nas suas escolhas, mas também nas conseqüências destas. Neste sentido, pode-se abarcar a possibilidade da fé ou da escolha orientada pela fé e suas conseqüências. Edith Stein falava da possibilidade de se estar aberto à fé. Neste sentido, ambos apontavam a possibilidade de se ter uma fé vivida e não teorizada, o que leva a pensar que quando a fé é vivida integralmente as escolhas são feitas a partir desta vivência.

O filósofo afirmava ainda que todo conhecimento cristão é inquietação e esta é a ferramenta que edifica. Inquietação deveria ser o comportamento para com a vida. Assim age-se com seriedade na relação pessoal, na relação com o outro (mundo) e na relação com Deus. A seriedade é então, o que de forma cristã edifica.

Para ser um indivíduo autêntico, deve-se pensar que se é um, sozinho frente a Deus, isolado na responsabilidade e no esforço de estar sempre frente ao Criador.

Pelo fato de a literatura kierkegaardiana ter um cunho religioso, pode-se assim falar mais abertamente de Deus (como Criador, Autor ou Absoluto), religiosidade e outros temas pertinentes à esfera da fé.

Kierkegaard tenta fazer com que o homem possa agir com seriedade em relação às decisões, se responsabilizando por elas e por suas conseqüências. O objetivo de Kierkegaard comunga, certamente com as palavras da Bíblia como podemos verificar na citação abaixo:

Desde o princípio Deus criou o homem e o entregou ao poder de suas próprias decisões. Se você quiser, observará os mandamentos, e sua fidelidade vai depender da boa vontade que você mesmo tiver. Ele pôs você diante do fogo e da água, e você poderá estender a mão para aquilo que quiser. (ECLESIÁSTICO 15, 14-16, 1990)³.

Em 1848, Kierkegaard, após uma experiência profunda com Deus, não revelada por ele, considerava-se livre para falar:

Grande Deus, conceda-me a graça! Quinta e Sexta-feira Santas tornaram-se realmente dias santos para mim! [...] É maravilhoso como Deus ainda me subjuga... e não sei de nada mais a fazer em casa ou no meu mais íntimo além de agradecer e agradecer a Deus, pois eu compreendo que o que ele faz por mim é indescritível. (KIERKEGAARD, apud GOUVÊA, 2002, p. 332).

Neste mesmo ano, escreveu dois trabalhos com o pseudônimo *Anti-Climacus*, que era um cristão com alto grau de compreensão da verdadeira fé cristã. Seu último trabalho como autor cristão foi *Discursos para a comunhão às Sextas-feiras Santas*.

Nos últimos anos de sua vida, escreveu mais diretamente contra os excessos da Igreja do Estado e sobre a cristandade em que viviam. Foi este embate com a Igreja do Estado da Dinamarca que chamou a atenção de todos dentro e fora da Dinamarca para o filósofo Søren Kierkegaard.

Com sua saúde debilitada, começou a ter diversos colapsos. Sofria de uma paralisia espinhal progressiva, e tinha ataques sucessivos da doença. Em 02 de outubro de 1885, caiu inconsciente e paralisado na rua. Levado para o hospital,

³ Tradução Bíblia Pastoral.

morreu no dia 11 de outubro de 1885. Seu amigo, o pastor Boesen, esteve com ele diariamente no hospital e relatou que o desejo de Kierkegaard, no leito de morte, era ter a sensação de tornar-se um anjo e sobre uma nuvem cantar 'Aleluia!'.

No seu funeral, muitos estudantes protestaram contra a forma com que a Igreja se apropriou daquele que tanto se opôs a ela. O irmão de Kierkegaard, o Reverendo Peter Christian, em seu discurso pediu desculpas ao povo pelos devaneios do irmão em vida. Os “devaneios” de Sören Kierkegaard fundaram a Filosofia Existencial, dando a ele o título de “pai do existencialismo”.

Em *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor* (1859/1986), uma explicação feita pelo próprio Sören Kierkegaard enfim esclarece toda a motivação e a forma como conduziu seus escritos. Foi neste livro que ele se definiu como um autor religioso, explicando que suas obras estéticas e éticas consistiam em uma estratégia para encontrar o outro onde ele está e que por isto usava pseudônimos. Kierkegaard acreditava que, chegando ao outro de forma indireta, ajudaria a desembaraçá-lo dos laços da própria ilusão, trazendo-o para a interioridade e, para isto, ia aonde o outro estava. Aos estetas, falava como esteta; aos éticos, falava como alguém ético e, aos religiosos, falava como o religioso que era.

O grande projeto de Kierkegaard foi ajudar o homem a desfazer os laços da ilusão em que este vive, pensar o existir humano e, acima de tudo, levar os indivíduos à reflexão sobre sua própria existência. Buscava pela reflexão possibilitar um “grito” de alerta que fizesse emergir a singularidade, a consciência de si, sem se deixar perder na ilusão de ser o que em ato não é, sem esquecer que:

[...] o objeto de toda minha produção é a seguinte: na cristandade, tornar-se cristão; e tal é a parte da Providência na minha obra como escritor: ela submeteu o autor que sou a esta disciplina, mas proporcionando-me a consciência disso desde o princípio. (KIERKEGAARD, 1986, p. 82).

Enfim, a vida e a obra de Sören Aabye Kierkegaard são indissociáveis. Assim como a Doutora Stein fez mais tarde, defendia a simplicidade e a humildade. Afirmava que o homem é um paradoxo entre a razão que tem de si mesmo e o poder transcendente de Deus. Suas idéias até hoje são incompreendidas, mas não são impossíveis de serem vivenciadas, além de serem uma belíssima ponte para a busca de nós mesmos e do nosso modo de ser mais próprio.

Existir implica sempre na incerteza do futuro imediato, do desconhecido. Na tentativa de negar a realidade tal como ela é, o homem pode tender a acreditar que ele é especial, que tudo pode controlar, enfim, que não está lançado no mundo como todos os outros homens. Porém, no fundo, sabe que tais certezas não são verdadeiras. Conhecendo os paradoxos que encerram a existência humana, esse homem desespera. Eis o que verdadeiramente faz o homem humano. (FEIJOO, 2004, p. 110).

A fim de realizar o objetivo desta monografia, é necessário falar dos estádios da existência, dentre muitas outras temáticas abordadas por Kierkegaard, com destaque para o estádio religioso, por ser o que mais se aproxima do tema deste trabalho.

2.1. Os Estádios da Existência

Kierkegaard enumera três estádios da existência, nos quais baseou vários de seus escritos: os estádios estético, o ético e o religioso. Segundo Feijoo (2004), ele foi o primeiro pensador que retoma a existência humana como um processo em que estádios⁴ são vividos, cada um com o germe do outro, não sendo exclusivos.

O fato de Kierkegaard escrever obras pautadas nos estádios não significa que ele estivesse nestas fases obrigatoriamente, pois consistia em uma estratégia do pensador para desatar os laços da ilusão em que muitos estavam presos, acreditando ser o que em ato não eram. A seguir, serão apresentados os diversos estágios da existência kierkegaardianos.

O *Estádio Estético*, nas palavras de Feijoo (2004), é a dilatação do prazer, da juventude eterna, da crença de que o momento se eterniza. Porém, é um projeto que está fadado ao fracasso, pois o momento só se eterniza na fé. Para descrever este estádio, Kierkegaard utiliza o romance *Diário de um sedutor*, onde o personagem Johannes fundamenta o sentido de sua vida nas sensações de prazer, através dos impulsos, pela indiferença frente ao outro, pelas frivolidades e ausência de compromisso. “Nada de impaciência, nada de voracidade, tudo gozarei atraindo lentamente. Ela é o que elegi e sem dúvida a conquistarei”. (KIERKEGAARD, 2002, p. 50). Aqui Johannes mostra como o esteta manipula o outro como se este fosse um objeto.

⁴ Usarei a palavra ESTÁDIO ao invés de ESTÁGIO, pois os estádios de Kierkegaard não são etapas a serem alcançadas e sim processos vividos ao longo da existência.

O estágio estético diz respeito à satisfação da experiência imediata. O prazer do esteta aparece durante todo o tempo em que ele articula a conquista. Uma vez conquistado o objeto de desejo, o esteta busca outro e assim permanece repetindo com o fim de perpetuar o prazer e o instante fugidio.

Por viver no prazer e na eterna juventude, o esteta coloca-se no mundo de modo destrutivo, carente de espiritualidade, não assumindo a temporalidade própria da existência. Na contemporaneidade, o perfil estético aparece na busca incessante do prazer que as novidades do dia-a-dia trazem, no mover-se por impulsos de prazer imediato. Assim como Johannes, que tenta perpetuar o prazer, a juventude e a vida, o homem mantém-se relacionado ao outro pela indiferença. “Consumir para possuir, acumular e assim obter status, ser admirado, seduzir”. (FEIJOO, 2004, p. 89).

O *Estádio Ético* é marcado pelas obras psicológicas. Estas obras falam da formação da personalidade no estágio ético, falam ainda da impossibilidade de se chegar à fé sem uma vivência profunda da ética. O estágio se caracteriza pelo movimento entre interioridade e exterioridade, trazendo a indecisão, a dúvida, o temor pelas conseqüências, pelo imprevisível e pelo futuro.

O homem vive na ilusão de alcançar a verdade absoluta e não ter do que se arrepender. Segundo Kierkegaard, um engodo, pois em qualquer escolha haverá arrependimento. Sempre há arrependimento e lamentação pela opção abandonada, visto que não se sabe se seria melhor ou não do que a opção escolhida. Culpa, arrependimento e remorso são a fé daquele que vive no estágio ético.

Um exemplo do *ético* é a escolha de Adão diante da proibição de Deus (constituída em uma norma ética). Seria um desconhecimento, por parte de Adão, de sua natureza temporal. Ele vivencia a dúvida e o paradoxo entre escolher sua vontade ou transgredir a norma ética estabelecida. Então, decide, mesmo sem saber que resultado sua escolha teria. Um esteta se arriscaria no novo, ignorando as conseqüências da proibição.

No ético, a carência de interioridade, pronunciada pela angústia, possibilita que se alcance a consciência do eu. Executar a consciência do eu consiste em uma atividade que se dá em um processo de compreensão e não em um processo mecânico. (FEIJOO, 2004, p. 92).

O ético rumo à autenticidade, na qual se dá o desenvolvimento da consciência. O ético-religioso busca a relação do indivíduo com Deus. O estágio ético exige autoconhecimento e reconhecimento de si, da liberdade, da responsabilidade, da angústia e do desespero.

Na contemporaneidade, Feijoo (2004) cita como exemplo as mães de Acari, os sem-terra, as mães e avós de desaparecidos políticos na Argentina - movimentos traçados pela revolta e solidariedade e não pela indiferença. O estágio ético está na capacidade de refletir a partir de uma consciência moral que considera a existência do outro. O homem ético toma a consciência de que não é possível ignorar as exigências, normas e convenções, aprisionando-se nos limites estabelecidos pelo social. O ético também se encontra na técnica moderna e na busca pela segurança universal.

Para vivenciar o *Estádio Religioso* (estádio que mais interessa a esta monografia) é necessário refletir na esfera do psicológico a fim de atingir o autoconhecimento e a transparência. Deus, para Kierkegaard, não é produto da razão e a fé se dá no paradoxo, que é inaceitável pela via da razão

[...] e ninguém deve ter a ousadia de tratar a vida de Cristo como curiosidade sem importância. Quando Deus se encarna e se faz homem, não é duma fantasia que se trata, duma invenção para se evadir, talvez, desse tédio inseparável, segundo uma opinião imprudente, duma existência de Deus... Resumindo, não é para pôr nela a aventura. Não, esse ato de Deus, esse fato, é a seriedade da vida. E, por sua vez, a seriedade dessa seriedade é o dever imperioso que todos têm de ter uma opinião a esse respeito. (KIERKEGAARD, 2003, p. 118).

A ilusão se dissipa, pois se dá uma transparência plena, o religioso reconhece sua condição mais plena - a temporalidade/eternidade. No caso dos santos, tem-se o reconhecimento da eternidade/temporalidade, ele aceita o paradoxo e não há temor por ser mortal. Ao reconhecer-se na condição de mortal, torna-se eterno. Ele despede-se do eu do outro, transparece a si mesmo, ao olhar-se e olhar o mundo vê o divino.

No estágio religioso, ocorre uma mudança infinita e absoluta, que é interior. Em Kierkegaard, escolhe-se um estilo de vida que se relaciona com o eterno, assim como na vida poética, onde viver poeticamente é viver infinitamente; abandona-se o prazer e vive-se a serenidade. O religioso volta a si mesmo e se reconhece em

liberdade. Não há medo do futuro ou medo algum, pois em si mesmo é liberdade. Para Kierkegaard, é impossível alcançar a fé pela razão. Ele admite uma ontologia onde o ser do homem se acha separado do ser do mundo, a unidade se daria em um movimento místico.

Torna-se assim inteligível o paradoxo da fé. “O paradoxo se transforma pela fé em ato finito – claramente humano, possível...” “Num belo dia a morte chega e, de repente, o homem torna-se imortal”. Esse percurso é exatamente o de Kierkegaard na investigação do drama da existência. E, na sua vida, vai buscar o estágio da fé, a mais radical união com Deus. Sabe, porém, que o sentido da vida está intimamente relacionado com a presença divina e que ao divino não se chega pela reflexão, mas pela revelação. (FEIJOO, 2004, p. 96).

Sob a luz da fé, não sente pena de si mesmo nem se lamenta, saboreia a finitude como se tivesse conhecido o melhor, vive a fé de forma autêntica e plena. Para Kierkegaard, a passagem dos estádios constitui um salto no absurdo, opondo-se a Hegel, que acreditava atingir o Absoluto (Deus) pela razão, pela pluralidade.

Porque a idéia de julgamento não corresponde senão ao indivíduo, porque não se julgam as massas. Podem massacrar-se, inundar-se com água, lisonjear-se. Resumindo, é possível tratar a multidão de cem maneiras, como um animal, mas é impossível julgar as pessoas como animais. Impossível porque os animais não se julgam. (KIERKEGAARD, 2003, p. 112).

Deve-se compreender que ser si mesmo, para Kierkegaard, é estar frente a Deus, o Autor, como realmente se é, ou seja, como realmente Deus fez: um ser para Ele e parte dEle. Para o verdadeiro cristão, esta relação com a verdade que vem de Deus é inerente à vida, não podendo, então, manter-se numa relação superficial e imaginativa sobre o que é verdade e sobre como o verdadeiro cristão deve ser. O cristão, no seu sentido mais puro, vive se esforçando por ter uma vida mais própria, tendo a consciência de estar perante Deus.

O indivíduo encontra consolo só em Deus e este é o seu maior desejo, exceto por não O querer no ponto onde sofre e não querer ser ele mesmo. Ele vive um conflito onde:

Ele ama a religião como apaixonado infeliz, sem ser crente no sentido estrito. Da fé possui apenas o primeiro elemento, o desespero. [...] Em verdade seu conflito é este: é ele “chamado”? O

espinho na sua carne será o sinal duma missão extraordinária, e, se esta lhe é destinada, sê-lo-á regularmente frente a Deus? Ou o espinho cravado na carne significa que sob Ele se deva humilhar para retomar o seu lugar entre o comum dos homens? (KIERKEGAARD, 2003, p. 74).

Neste sentido, não se fala mais do *eu psicológico* ou do *eu frente ao homem*. Agora se fala do “eu teológico”, ou seja, o eu frente a Deus, sem que a idéia seja a de um Deus exterior, mas de Alguém de quem estamos sempre na presença. Kierkegaard afirma: “Deus não nos é exterior”. (Ibid., p. 78). Para compreender porque Kierkegaard traz para o seu pensamento Deus e a religiosidade, é preciso saber que, para ele, ter fé e “crer, é: sendo nós mesmos e querendo sê-lo, mergulhar em Deus por intermédio da sua própria transparência”. (Ibid., p.78) E este fundamento guiava todos os seus escritos.

Na esfera do religioso, a relação do homem é com o divino. Na esfera do natural e/ou do psicológico, a relação do homem é com o homem. E compreender estas relações (do homem com Deus e do homem com o outro) é o laço que as mantém. O problema está em que o homem carece de espiritualidade e por isto não considera a importância de relacionar-se com a fé como o cristão o faz.

Quanto mais o eu está perante Cristo (Deus que quis nascer, ser, sofrer e morrer como homem), mais aumenta o eu, porque por Cristo, Deus deu a medida de até onde vai a realidade do eu. Quando se faz, por vontade própria, homem, Deus dá ao indivíduo a medida de até onde se pode chegar. O que irá determinar até onde o interior do homem pode chegar é a vontade, mesmo elemento que determinou a escolha de Deus se tornar homem.

O que é verdadeiramente importante é que, frente a Deus ou não, sempre se é um indivíduo único e, mesmo que a consciência não creia, querendo ou não, sempre se está frente a Deus. Kierkegaard (2003) diz que cada uma das faltas do indivíduo é por ele redigida, porém elas são escritas de forma que só se tornam visíveis à luz eterna e é na eternidade que se faz a revisão das consciências (Ibid., p. 113). Da mesma forma se resumem as ações dos homens frente às decisões e escolhas da vida.

Isto muitas vezes pode mostrar a existência de um conflito entre mundo interior e o mundo exterior. Como no exemplo de Abraão, o indivíduo vive este conflito com o mundo, onde Deus constata a fé de Abraão por Ele em não hesitar em obedecê-Lo, “moral e fé não se sobrepõem: a fé é paixão de infinito, a dúvida,

paixão de finito” (LE BLANC, 2003, p. 73). Ou seja, a fé move o indivíduo na direção da obediência a Deus, independente de qualquer resultado.

O homem que opta pela fé e pela relação com Deus rompe com a moral e com os homens da moral. A condição do crente não é de felicidade e certeza, mas de incerteza, temor e tremor e de contradição entre ele e o mundo. “Onde não se ouve uma só voz humana só a angústia é a certeza, ou seja, a angústia da incerteza torna-se a única certeza possível [...] a angústia certa dela mesma e da relação com Deus”. (Ibid., p. 74).

A condição humana é o paradoxo entre quanto mais se acredita senhor de suas próprias vontades, mais impotente o homem se torna na tentativa de fugir da presença de Deus e da vontade de Deus para si. Neste sentido, quanto mais impotente o homem se torna, mais ele busca a Deus. Isto é o *escândalo* expresso pelo cristianismo. O escândalo está em admitir a onipotência de Deus manifesta no martírio de um só homem: Cristo. Reduzir Deus a um simples homem mostra uma atitude pagã, pois no cristianismo é Deus quem escolhe ser homem, mas não deixa de ser Deus por isto.

Para Kierkegaard, o cristianismo institucionalizado abandona o escândalo a fim de viver uma religião da moral, onde esta fé não importa mais. Este cristianismo está no ético, sem alcançar a profundidade do paradoxo da fé. O homem entrega-se à fé para sair de sua condição angustiante, pois para ele angústia e desespero fazem parte da existência do homem, mas é uma condição em que não se quer estar. E, uma vez que o homem é movido pela fé do religioso, angústia e desespero tornam-se secundários.

Não sei, amigo leitor, o que terás feito na vida, mas esforça o teu cérebro, arranca a máscara, caminha a descoberto por uma vez, desnuda o teu sentimento até as suas vísceras, destrói todas as muralhas que normalmente separam o leitor do seu livro. (KIERKEGAARD, 2003, p. 115).

O encontro entre eternidade e tempo assinala uma ruptura temporal (passado e futuro) - ruptura que é o *salto*, direcionado pela vontade, ou seja, decisão. Aqui, tempo é o homem e eternidade é Deus. O homem entra como indivíduo na relação com Deus pela incerteza que alimenta a angústia e o desafio da salvação. O homem busca um elo que estabeleça uma relação única e pessoal com Deus. O paradoxo está em ser tão impotente frente à vida e, ao mesmo tempo, tão privilegiado ao se

relacionar com Deus. Para Kierkegaard, no devir cristão, o cristão não vive abstratamente a verdade do cristianismo, mas testemunha diariamente a sua verdade.

Tornar-se cristão é repetir a Paixão de Cristo e querer o sacrifício. A vida não é um 'longo rio tranqüilo', mas uma borrasca terrível, e sua verdade é sofrimento. "O gênio não é uma chama que candeia soprada pelo vento, mas um incêndio atijado pela tempestade". Esforçar-se por tornar-se cristão é aceitar ser atijado pela tempestade. (LE BLANC, 2003, p. 77).

Edith Stein, após sua conversão, entregou-se à Paixão de Cristo e a viveu em sua plenitude. Humanamente, como um ser que se angustia e desespera, buscou meios de fugir ao destino que a esperava. No entanto, quando "aceita ser atijada pela tempestade", entregou-se decididamente ao destino que a aguardava. Viveu-o sem arrependimentos, como alguém que cumpre o desejo de um Deus que é Pai.

2.2. Temor e Tremor

A fé é um milagre; entretanto, ninguém está excluído dela; pois é na paixão que toda a existência humana acha a sua unidade, e a fé é uma paixão. (KIERKEGAARD, [1843], p. 78).

Esta sentença sintetiza o cerne da obra *Temor e tremor*, cujo objetivo é justamente exaltar o valor, o drama e o sofrimento contidos nos mistérios da fé. Trata-se de fé e razão sem se tornar um tratado sobre estes temas, mas com o objetivo de levar o leitor a uma "autodescoberta de si e uma descoberta de Deus estabelecida na tradição cristã". (GOUVÊA, 2002, p. 49).

A importância de *Temor e tremor* para este trabalho se faz pela questão da fé. Fé defendida por Kierkegaard em seu ousar pensar as atitudes e a obediência de Abraão.

Gouvêa acredita que esta obra talvez seja a mais estudada dentre todas as outras escritas por Kierkegaard, pois "ela define e exemplifica tão claramente o método, o estilo e as idéias do autor" (GOUVÊA, 2002, p. 23). Kierkegaard, no percurso de sua vida, sentiu-se chamado à reflexão interior e a uma busca pelo eterno. Sua defesa é pelo verdadeiro sentir a fé e como ser verdadeiramente cristão por meio da fé. Sentir a fé como sentido último da existência, sentido encontrado após tudo ter buscado. A condição do que crê não é uma condição de bem-estar e

felicidade, mas sim de incerteza, de temor e tremor. É uma condição terrível que piora ainda mais pela condição da existência entre ele e seu testemunho profético e o mundo. Essa incerteza da solidão, do temor a Deus e do clamor por Deus, essa angústia vivida no paradoxo encarnado da fé é o escândalo possível apenas ao cristão.

O escândalo se encontra no fato de admitir que a onipotência de Deus pode manifestar-se até nas formas mais abjetas, como a de um mártir. Assim, o escândalo, paradoxo, necessidade, possibilidade e dúvida, angústia, solidão, são as características não apenas do cristianismo e do cristão, mas da própria existência. Tornar-se cristão é aceitar ser atizado pela tempestade, não sendo possível a estabilidade.

Temor e tremor tem o mesmo objetivo de todas as outras obras de Sören Kierkegaard: “ir onde o outro está”. É uma obra pseudonímica, como outras deste pensador, assinada com o pseudônimo Johannes, muitas vezes usado por Kierkegaard, do qual ele só altera o seguimento. Grammont (2003) traz uma interpretação, a partir de Slok, sobre o que sugere Johannes de Silentio. Segundo ele, “de Silentio poderia primeiro significar que Johannes fala sobre o calar e, de fato, verificamos que é isso mesmo que ele faz”. (Ibid., p. 86).

Johannes de Silentio quer compreender e, para isto, apresenta quatro possibilidades interpretativas do atamento de Isaac, até onde uma pessoa pode ser levada por meio da fé. Em meio à variedade de mundos de idéias filosóficas, dos estudos, dos mestres, estudantes e filósofos, levanta a dúvida se estes “lugares de sujeito do suposto saber” (usando um termo laciano) podem levar a alguma resposta, pois todos julgam conforme as aparências e dão uma fácil explicação para tudo.

Inutilmente se procura, com infinito cuidado, uma débil luz, um pequeno indício, a mais singela prescrição dietética a respeito do procedimento que se deve seguir nesta fabulosa tarefa. (KIERKEGAARD, [1843], p. 17).

Não. Ele também não pretendeu explicar e afirmar, ou ousar explicar, mas ousou falar sem que se considere um filósofo por título, profundo conhecedor do tema. Ao mesmo tempo, reconhece “que não há quem detenha a fé, hoje em dia – vai-se mais distante”. E continua:

[...] darei uma demonstração de correção e de cultura, admitindo que cada um tem fé, pois do contrário seria esquisito dizer que se vai mais distante. Não acontecia assim antigamente; era, nessa mesma época, a fé um compromisso que se aceitava para a vida toda; porque, refletia-se, a aptidão para acreditar em escassos dias ou poucas semanas. (Ibid., p. 18).

Kierkegaard não se intitulava filósofo nem entendedor dos sistemas de filosofia de modo algum, afirmando isto categoricamente logo no início do livro:

O presente autor de modo algum é um filósofo. E sim um poete et eleganter, um amator que não redige sistema ou promessa de sistema. Não é culpado de tal excesso e nem a ele se consagrou [...] não alimenta dúvidas com respeito ao seu destino em uma época em que é posta de parte a paixão para que seja servida à ciência, época na qual o autor que desejava ser lido deve ter um cuidado de escrever um livro fácil de ser folheado na hora da cesta e a precaução de se mostrar com a cortesia daquele jardineiro de anúncio, que, de chapéu na mão e carta de recomendação do último a que servira, se recomenda ao distinto público. (Ibid., p. 20).

Ao longo do texto, Abraão é apresentado como o protótipo do Cavaleiro da Fé. Parte de quatro reflexões onde o autor se permite colocar no lugar de cada personagem participante da passagem bíblica e que despertam sentimentos como fraqueza, loucura, demência e ódio a si mesmo citados por ele no texto (Ibid., p. 36), pelos quais quem ousa interpretar de fora da esfera da fé, julga Abraão e sua atitude.

Para melhor entendimento, apresenta-se a seguir a passagem bíblica na qual o livro foi baseado:

Depois disso, Deus provou Abraão, e disse-lhe: “Abraão!”
“Eis-me aqui”, responde ele.

Deus disse: “Toma teu filho, teu único filho a quem tanto amas, Isaac; e vai a terra de Moriá, onde tu o oferecerás em holocausto sobre um dos montes que eu te indicar.”

No dia seguinte, pela manhã, Abraão selou seu jumento. Tomou consigo dois servos e Isaac, seu filho, e, tendo cortado a lenha para o holocausto partiu para o local que Deus lhe tinha indicado. Ao terceiro dia, levantando os olhos, viu o lugar de longe. “Ficai aqui com o jumento, disse a seus servos; eu e o menino vamos lá mais adiante para adorar, e depois voltaremos a vós”. Abraão tomou a lenha do holocausto e pôs aos ombros de seu filho Isaac, levando ele mesmo nas mãos o fogo e a faca. E, enquanto, os dois iam caminhando juntos, Isaac disse ao seu pai: “Meu pai” – “Que há meu filho?” Isaac continuou: “Temos aqui o fogo e a lenha, mas onde está a ovelha para o holocausto?” – “Deus, respondeu-lhe Abraão,

providenciará ele mesmo uma ovelha para o holocausto, meu filho.” E ambos juntos continuaram seu caminho.

Quando chegaram ao lugar indicado por Deus, Abraão edificou um altar; colocou nele a lenha, e amarrou Isaac, seu filho, e o pôs sobre o altar em cima da lenha. Depois estendendo a mão, tomou a faca para imolar seu filho. O anjo do Senhor, porém gritou-lhe do céu: “Abraão! Abraão!” – “Eis-me aqui” – “Não estendas a tua mão contra o menino, e não lhe faças nada. Agora eu sei que temes a Deus, pois não me recusastes teu próprio filho, teu filho único”. Abraão levantando os olhos, viu atrás dele um cordeiro preso pelos dois chifres entre os espinhos; e, tomando-o, ofereceu em holocausto em lugar de seu filho...”. (Gênesis, 22,1-13, 1998)⁵.

Considerando as diversas traduções para a mesma, o fato que está em questão e que é evidenciado pelo autor é que Abraão deve por temor entregar seu único filho, concebido já na velhice, em sacrifício a Deus. O que Kierkegaard considerou é a dramática trajetória de Abraão, desde o momento em que Deus lhe dá a primeira ordem, até o momento em que Deus recebe-o por obediência e como prova da suprema entrega do Cavaleiro ao Absoluto. Partindo dessa premissa, ele desenvolve, nos aspectos estéticos, éticos e, por fim, religioso, como se poderia tentar compreender a aceitação de Abraão que, sob o prisma estético e ético, pode apenas ser compreendido enquanto loucura. Apenas sob o prisma religioso alcança-se o sentido último: Abraão não é apenas um Cavaleiro da Fé, ele é um louco de Deus.

Abraão foi o maior de todos: grande pela energia cuja força é fraqueza, grande pelo saber cujo segredo é loucura, pela esperança cuja forma é demência, pelo amor que se resume em ódio a si mesmo.

Movido pela fé abandonou Abraão a terra de seus antepassados e foi estrangeiro na terra prometida. Abandonar algo a sua razão terrestre, por outra, a fé: se meditasse quão absurda era a viagem, jamais teria partido. (KIERKEGAARD, op. cit., p. 36).

É preciso pensar que na esfera do estético e do ético tal atitude torna-se incompreensível aos olhos da multidão/geral, pois ela só se pode compreender pela via da fé. Johannes diz que Abraão creu em Deus, não porque esperava algo para uma vida futura, como, por exemplo, ter a certeza de que Deus lhe daria Isaac de volta. Não! Ele afirma que Abraão creu para esta existência: “A fé, porém, de Abraão era para esta existência [...] creu sem nunca duvidar. Creu no absurdo”. (ibid., p. 39). Se ele duvidasse, ou faria de modo diferente ou nada teria feito. Ele sabia que o

⁵ Tradução Bíblia Ave Maria.

Dever que lhe foi pedido era uma prova das mais difíceis que Deus poderia lhe pedir, mas “sabia também que nenhum sacrifício é excessivamente duro quando Deus o pede”. (Ibid., p. 40).

O indivíduo que ousou realizar uma entrega radical no temor e no tremor a Deus, vive uma entrega que resulta de um processo doloroso e lento, cheio de obstáculos e provações nas quais o pior inimigo se manifesta através de nossos próprios demônios interiores, nos próprios medos, anseios e frustrações. Mas é um processo também libertador, como Abraão mesmo descobriu ao fim de sua jornada.

Eis o paradoxo de Abraão: atender à fé, mesmo que em virtude do absurdo, sem esperar nada em troca. É a máxima obediência num Deus soberano que permite acreditar no absurdo que é, mesmo que, para o geral, se pareça um louco.

Gouvêa (2002) afirma que a fé para o cristão é particular e, citando Stephen Evans, diz que o cristão ou o crente compromete-se com algo que não se baseia nos valores e modos de ordem social. A jornada é solitária, porque Deus não pede somente aquilo que é fraternal e bom. Porém, ao que Ele pede não se permite negligenciar as conseqüências e as responsabilidades que a obediência/escolha faz o indivíduo assumir por própria conta e risco. Fica ao leitor como tema de reflexão ou estudo sobre os frutos que Abraão, Isaac e Sara colheram após finda a jornada ao monte Moriá, tanto na esfera psicológica quanto na esfera teológica ou filosófica e que não caberia tratar neste breve capítulo.

Seguindo o percurso ao qual *Temor e tremor* leva, encontra-se o autor chamando a atenção para a angústia (tema tantas vezes tratado por Kierkegaard em outras obras). Para ele, o fato que foi omitido da história de Abraão seria a angústia vivenciada por um pai ao sentir-se na obrigação de dar a Deus aquilo que lhe valia mais que qualquer dinheiro no mundo, pois com o dinheiro não se tem um santo e nobre vínculo como há com um filho.

Tanta compreensão só se torna possível quando observada pela fé. Na psicologia, torna-se compreensível uma crítica ao atamento de Isaac, visto que se reduz a fé a zero e toma-se somente o ato brutal de um pai que, sem justificativa plausível, pretende matar seu único filho. Mesmo sabendo que o ato não foi consumado, psicologicamente aceita-se que ele o foi. Imagina-se ser esta a grande questão para alguns psicólogos: como compreender certas atitudes de alguns pacientes sem cogitar um olhar a partir da esfera da fé. Se não se compreende, mas se aceita que a atitude foi baseada e refletida pela via da fé, não se pode considerá-

lo como um fraco. Para aquele que faz da “fé um valor absoluto, se a encaramos pelo que ela é, julgo que se pode discorrer sem perigo dos problemas que lhes são estranhos”. (KIERKEGAARD, op. cit., p. 46).

Abraão não deve ser pensado como uma exceção: dentro da história cristã, inúmeros ousam realizar o salto no abismo da fé (santos, santas, mártires...). Entretanto, inúmeros outros se encontram entregues às ilusões denominadas por Kierkegaard como sendo os estádios estético e ético, especialmente na era moderna, era da razão, da maquinização e conseqüentemente do encobrimento da vontade de Deus ou de si mesmo.

Ressalta-se, mais uma vez, que o autor é um escritor religioso, e que toda sua obra tem um duplo caráter: ir onde o outro está e tornar-se cristão. Como Kierkegaard afirma em *Ponto de vista explicativo de minha obra como autor*, “[...] não é a verdade que governa o mundo, mas as ilusões”. (KIERKEGAARD, 1859/1986).

O geral/multidão se caracteriza pela ilusão de que só se busca a religiosidade quando se atinge a maturidade, porém este pensamento só faz sentido para o esteta:

O estético vê, pois, sempre com um olhar desconfiado, um espírito religioso; para ele, ou este homem nunca teve o sentido do belo, ou ainda, no fundo e, sobretudo, quereria continuar a cultivá-lo, mas, exercendo o tempo o seu poder destruidor, o homem vê os anos a acumularem-se e procura um refúgio no religioso. Divide-se a vida em duas idades: da juventude, faz-se o tempo do estético; e da maturidade, o do sentimento – mas, para falar verdade todos quereríamos permanecer jovens. (KIERKEGAARD, 1859/1986, p. 43).

O homem religioso difere em todos os sentidos do geral/multidão, visto que a multidão contenta-se em ficar no terrestre e o religioso anseia pelo que vem do alto e seu retorno ao alto, elevando-se do terrestre para o céu. Ou seja, entende-se por geral ou multidão, no pensamento kierkegaardiano, a priorização do coletivo, do que todo mundo faz ou é e, como tal da temporalidade, pois, na impaciência, no imediato do desejo de que tudo aconteça ou se perpetue como por mágica, o homem nada quer ouvir sobre eternidade e, no máximo, o que se permite é uma imitação artificial do que é o eterno, do homem religioso, o que não poderá manter por muito tempo, segundo Kierkegaard: “porque quanto mais alguém se imagina prescindir do eterno

ou se petrifica nesta arte, tanto mais também no fundo a única necessidade é a do eterno”. (ibid., p. 95).

Acerca do tema, Grammont (2003) considera como questão que, para Johannes de Silentio, a moralidade está no geral e o indivíduo tem seu *telos* no geral. Sua tarefa moral consiste em despojar-se constantemente de seu caráter individual para alcançar a generalidade. Com esta ação, o indivíduo entra em crise ao voltar-se sobre si próprio reivindicando a sua individualidade em face do geral. Esta ação é similar ao processo terapêutico, no qual o indivíduo pode se encontrar em crise com o geral e, neste conflito, buscar na terapia sua própria individualidade, independente da forma como este reconheça como deva encarar/encontrar o seu ser mais próprio. Voltando ao indivíduo kierkegaardiano, o homem só pode sair dessa crise através do arrependimento e, corajosamente, abandonando-se outra vez no geral, porém já não mais com os olhos no geral, mas com os olhos voltados para dentro de si mesmo. Então, Kierkegaard diz: “Grande é atingir o eterno, porém ainda maior é conservar o temporal após ter renunciado a ele”. (KIERKEGAARD, [1843], p. 37).

Percebe-se uma relação entre a concepção kierkegaardiana e a visão de Edith Stein, que disse que “Quanto mais uma pessoa é atraída para Deus, tanto mais ela deve sair de si mesma para se voltar ao mundo e levar as pessoas ao amor divino”. (STEIN, apud MIRIBEL, 2001, p. 71).

O que Johannes de Silentio entende por suspensão teleológica da moralidade é esse movimento da fé, pelo qual o indivíduo volta-se para si próprio. Após haver permanecido no geral, ele se isola, enquanto indivíduo, acima do geral, em uma relação absoluta com o Absoluto. Grande paradoxo, o indivíduo só encontra a si próprio e ao Absoluto acima do geral, em uma mediação que se efetua sempre em virtude do geral. Com isso, é-se conduzido para esta reafirmação do indivíduo diante do mundo dos valores gerais. Com este e tantos outros textos do *corpus* kierkegaardiano, tem-se uma amostra de sua originalidade e importância na crítica feita à cultura, continuada por autores como Nietzsche, Heidegger, Foucault e Sartre.

Através do personagem pseudônimo, Johannes de Silentio, Sören Kierkegaard conduz à problematização daquele indivíduo que, banhado em humildade, reconhece-se incapaz de realizar este movimento da fé, que tem valor. É este o movimento que dá “a certeza de que Deus é amor”.

Não posso empreender o movimento da fé, não posso fechar os olhos e atirar-me de cabeça, cheio de confiança, no absurdo; isso é impossível, porém não me glorio pelo fato. Tenho a certeza de que Deus é amor; este pensamento possuí, para mim, valor lírico fundamental. [...] O amor de Deus para mim é, ao mesmo tempo na razão direta e na razão inversa, sem medida com toda realidade. [...] Não incomodo a Deus com mesquinhas angústias; não estou preocupado com o pormenor, fixo os olhos tão somente no meu amor, cuja chama, clara e virginal, conservo dentro de mim; a fé em que Deus provê as menores coisas. Sinto-me satisfeito por estar casado nesta vida pela mão esquerda; a fé é extremamente humilde para pedir a direita; que o faça em total humildade, não o nego, nunca o negarei. (KIERKEGAARD, [1843], p. 49).

Johannes de Silentio se apresenta como um indivíduo ético que perscrutava o movimento da fé e a esfera religiosa; contudo, sabia-se incapaz de vivenciá-lo (ao menos naquele momento da sua existência). “A determinação de realizar o movimento mostraria a rigor o meu valor humano”. (Ibid., p. 50).

“A multidão é mentira” (KIERKEGAARD, 1986, p. 98), é o geral e contra o geral se posiciona o Cavaleiro da Fé. A moralidade e o social enquanto multidão preferem que o indivíduo se atenha a “a ausência de arrependimentos e de responsabilidade”. Quanto mais o indivíduo se encontra na multidão, mais ela o autoriza a se recolher em seu seio. Ou seja, quanto mais se está na multidão, mais ele se ausenta da responsabilidade de seus próprios atos e se torna mais um no meio do geral. É mentira porque ausenta o homem de sua condição de indivíduo único. “Quando se trata de um homem isolado, há que exprimir a verdade respeitando a condição humana”. (Ibid., p. 99).

Na medida em que o indivíduo se deixa levar pela multidão, ele exclui a si próprio, tornando-se multidão. Contudo, a multidão se compõe de indivíduos, mas a diversidade está em escolher ser indivíduo ou escolher ser multidão. Ou seja, é estar no mundo sem ser do mundo ou, se quiser, ser do mundo sem ser si próprio.

Kierkegaard afirma em *Ponto de vista explicativo de minha obra como autor* (ibid., p. 107) que a primeira condição de toda religiosidade consiste em ser um homem individual - ou seja, indivíduo no mais alto grau que ultrapassa as forças humanas. O indivíduo no sentido mais puro kierkegaardiano é aquele que no mais alto grau está frente a Deus, único e somente, ultrapassando as barreiras do humano para estar frente a Deus.

O indivíduo: é a categoria do espírito, do despertar do espírito, tão oposta quanto possível à política. A recompensa terrestre, o poder, a glória, etc., não se encontram ligadas ao seu uso correto; porque ainda que utilizada no interesse da ordem estabelecida, a interioridade não interessa ao mundo; e menos ainda quando dela se faz um uso catastrófico; pois, suportar sacrifícios, ser sacrificado, o que decorre necessariamente da sua recusa de passar por um poder material, tudo isso não interessa ao mundo.

O indivíduo: é a categoria cristã decisiva; e sê-lo-á para o futuro do cristianismo. (KIERKEGAARD, 1986, p. 111).

Pode-se voltar ao paradoxo do Pai Abraão, apropriando-se da interpretação de Le Blanc (2003), para quem o sofrimento é o que sustenta o homem, principalmente o cristão, onde o sofrimento é a condição necessária e provação a ser superada. Superação esta só atingida por meio da fé. A fé “pode ajudá-lo a sofrer a provação do sofrimento: dando-lhe um sentido. A fé o salva do absurdo” (LE BLANC, 2003, p. 22). Assim, ele demonstra que a fé não está apenas no ato da alma em busca de uma salvação eterna, mas está igualmente no ato concreto do homem e que dá um sentido ao mundo. Ele ainda ousa afirmar que, se a fé é estimulada pelo sofrimento, o cristão deve procurá-lo como uma oportunidade dada por Deus para elevar o homem até Ele. O cristão, como homem do sofrimento, aceita que a única via de acesso a Deus é a Paixão e, no seu entendimento, Kierkegaard, mesmo bem jovem, teve a sua parcela e a realizou por toda a sua vida. “Foi essa concepção do cristianismo que o conduziu” (Ibid., 2003), com uma lógica exigente e rompendo com a Igreja da Dinamarca. Kierkegaard considerava o cristianismo como interioridade, opondo-se ao mundo.

Abraão então manteve a fé em todo o período em que viveu em angústia e sofrimento. “Ele creu no absurdo”. Estava disposto a tudo que fosse preciso e até mesmo matar seu próprio filho.

“Creu no absurdo porque isso não faz parte do cálculo humano. O absurdo está em que Deus, pedindo-lhe sacrifício, devia revogar o seu pedido no momento seguinte”. (KIERKEGAARD, [1843], p. 50).

Pensando no percurso todo da história, Johannes diz que se ao longo do processo Abraão o tivesse feito em meio a reflexões sobre o que Deus pedia, nada quereria com ele. Porém, inclina-se perante a atitude de Abraão, pois ao ver que não se deixou levar pelas reflexões, compreendeu a alegria do pai ao recuperar seu filho, viu

que não recorreu a dilações para se recolher do mundo finito e de seus prazeres. De outra maneira, ele teria talvez amado a Deus, porém não seria um homem de fé – pois amar a Deus sem fé é refletir-se no próprio Deus”. (Ibid., p. 51).

Efetivamente este é o movimento da fé: a razão sucumbe ao absurdo, o geral aceita-se como indivíduo frente a Deus, crendo nele de forma incondicional como o Cavaleiro da Fé que, ao silenciar, guarda-se por compreender que, na multidão, seus atos seriam incompreendidos. Aquele que realiza o movimento da fé é intitulado por Johannes de Silentio de o “Cavaleiro da Fé”.

O paradoxo da fé está, pois, em que o indivíduo está acima do geral, de modo que para lembrar uma distinção dogmática hoje já muito pouco utilizada, o Indivíduo determina a sua relação com o geral tomando como referência o Absoluto, e não a relação ao absoluto com referência ao geral. (Ibid., p. 80).

E continua:

O verdadeiro Cavaleiro da Fé é uma testemunha, jamais um mestre, aí está a sua profunda humanidade, muito mais expressiva do que essa frívola participação na ventura ou na desventura de alguém. (Ibid., p. 89).

A citação acima não permite compreender com clareza o que vem a ser objetivamente o Cavaleiro da Fé, pois Kierkegaard, por meio de Johannes de Silentio, apresenta o que vem a ser esta figura ao longo de todo o livro. Sendo assim, buscar-se-á apresentar a partir de alguns autores utilizados neste trabalho, algumas facetas que nos permitem reconhecer o Cavaleiro da Fé em alguns personagens ou indivíduos.

Kierkegaard, no entanto, alerta: “Devo confiar com sinceridade que nunca encontrei, no correr de minhas observações, um único exemplar do Cavaleiro da Fé, sem com isto negar que quiçá um homem em cada dois o seja...” (Ibid., p. 52-53).

Este homem, ele supõe no comum, no mediano, no não extraordinário, dentro da multidão, mas jamais parte dela. Ou seja, se ele o supõe, desta forma, mesmo afirmando nunca havê-lo encontrado até então, ele acredita como verdadeira possibilidade encontrar um Cavaleiro da Fé. Verdadeiro no meio da multidão. Prova disto são seus comentários sobre um possível encontro:

Meu Deus! É este o homem! Porém ele o será verdadeiramente? Tem a aparência completa de um professor! Entretanto é ele. [...] Alegra-se por tudo e por tudo toma interesse. [...] Respeita os Domingos. Vai a Igreja. Nem um olhar com um sinal celeste, nem mesmo um vestígio de incomensurabilidade o trai. Se nós não o conhecermos, será impossível diferenciá-lo, pois aquele modo sadio e possante de cantar os salmos apenas pode provar que ele é possuidor de um excelente peito. (Ibid., p. 53-54).

Ou seja, Johannes mostra que nada há de extraordinário naquele que se torna o Cavaleiro da Fé. Mas que caminho ele fez para que isto se realizasse? Ele fez o que Kierkegaard chama de o Movimento da Fé, ou seja, perpassou, mesmo na multidão, os estádios estético e ético. Porém, ao encontrar-se como Indivíduo, salta do finito para o infinito. Salta no obscuro caminho para o estádio religioso, onde o movimento se realiza de dentro para fora, sem que o geral possa contemplar.

O Cavaleiro da Fé não se torna um monge ou um santo de altar a olhos vistos. Ele o é frente a Deus e nada externo nele muda, mas a alma dele não é mais a mesma. Então por que Johannes aponta Abraão como o Cavaleiro da Fé?

Justamente porque Abraão representava o homem comum, ou seja, não era de nenhum reino ou dinastia, não possuía bens, era velho, iletrado e humilde. Seu único bem era a fé no Deus a quem ele temia e tremia, assim como todos os outros homens de sua época. Isaac não era seu maior bem ou o melhor que tinha. Isaac era o que ele mais amava na terra, mas, em nome de seu Bem Supremo, de seu maior amor, Abraão abriria mão de seu único filho, a única graça que cria ter recebido de Deus.

O que faz o valor do ato de Abraão ser tão significativo é que ele realiza todas as coisas em nome do absurdo, do Absoluto. Em nome do que o esteta não falaria, para que não perdesse a vaidade de ser o que é frente ao geral. Em nome do que o ético não falaria, por culpa do ato exigido por Deus e por culpa de não ter contado nada. Abraão, como protótipo do religioso, não falou e não falava nem por vaidade e nem por culpa, mas por saber que seu ato só seria compreendido e aceito por Deus.

Abraão silencia... pois não pode falar; [...] pois se não posso fazer entender, não falo ainda que discursar noite e dia sem descanso. [...] Os suspiros ocultos são um martírio. [...] Não pode usar qualquer linguagem humana, ainda que conhecesse todas as que existem no mundo, ainda que os seres que ama o entendessem, não poderia falar. A sua linguagem é divina. (Ibid., p. 115-116).

E completa: “Ele não pode falar, porque não pode dar a explicação final, (de modo a fazer-se compreensível) de que se trata de uma prova: porém, o que é notável, uma prova na qual a moral constitui uma tentação”. (Ibid., p. 116).

Como um homem comum pode alcançar tal nível de fé? Porque “a fé não é um impulso de ordem estética; é de uma outra ordem muito mais alta, exatamente porque pressupõe a resignação”. (Ibid., p. 60). Resignar-se é aceitar, e este ato não implica a fé. No entanto, a fé não se propõe excludente ao resignado, mas o paradoxo está em que, para se fazer o movimento da fé, precisa-se alcançá-la, mesmo que minimamente, para que se compreenda a consciência eterna, “o imo da resignação”. (Ibid., p. 61).

Isto leva o indivíduo à resignação infinita, que é o próprio movimento para o salto da fé. É só por ela que se realiza o salto. “A resignação traz ao indivíduo ”paz e repouso”, aceitação do absurdo ou da vontade de Deus. Nela “tomo consciência do meu valor eterno” e alcanço “a existência deste mundo pela fé”. (Ibid., p. 59)

Faço este movimento graças ao meu próprio esforço, e a minha recompensa sou eu mesmo na consciência de minha eternidade, imerso em uma bem aventurada harmonia com meu amor pelo ser eterno. Pela fé, a coisa alguma renuncio; pelo contrário, tudo recebo, e, o que ainda é mais admirável, no sentido atribuído àquele que tem tanta fé “como um grão de mostarda”, pois poderá, então, transportar montanhas. É preciso uma coragem puramente humana para renunciar a toda a temporalidade a fim de obter a eternidade; porém, ao menos eu a conquisto e não posso, já na eternidade renunciar a ela sem cair em contradição. Torna-se indispensável, porém, a humilde coragem do paradoxo para atingir então toda a temporalidade em razão do absurdo, e coragem semelhante somente a dá a fé. (Ibid., p. 61-62).

Então por que não conservar a fé? Porque a existência pressupõe o paradoxo entre fé e razão que não pode ser reduzido, pois “A fé principia a razão”. (Ibid., p. 66). Abraão efetua, para Johannes, os dois movimentos: o da resignação infinita, que pressupõe a renúncia a Isaac; e o movimento da fé, que lhe constitui o consolo de ter atendido ao objeto de sua fé. Isto não diminui o fato de que o ato de Abraão possa ter sido o mais dolorido e sofrido de todas as coisas.

Opondo-se completamente ao Cavaleiro da Fé, temos o Herói Trágico, cuja principal característica é o apoio que recebe do geral, uma vez que suas motivações estéticas e éticas são por estes compreendidas e até motivadas, como, por exemplo, os dramas dos heróis gregos, romanos e românticos. Ou seja, opõe-se

completamente ao Cavaleiro, porquanto este silencia, até porque, mesmo que falasse, o geral não compreenderia. O Herói Trágico se vitimiza frente ao geral para, como o fariseu, ganhar méritos terrestres e preencher assim a sua própria vaidade e suas próprias necessidades. Como vítima, recebe o apoio de todos e como a um “dançarino que flutua no ar”, ao ser provado pela fé, cai por não conseguir manter o equilíbrio. Seu movimento do finito para o infinito não se realiza, pois ele pode supor não saber se talvez suportaria estar frente ao Absoluto e renunciar ao geral, tornando-se um indivíduo mais próprio.

O Cavaleiro da Fé faz o caminho do finito para o infinito e atinge o objetivo de voltar ao finito porque sabe que para ele o importante é o Absurdo, é Deus. O Herói Trágico recolhe-se no finito porque nada aspira além das glórias que ele ali já obtém. Isso não quer dizer que o Herói Trágico esteja isento de sofrimentos genuínos em seu interior; a grande diferença é que ele tem com quem compartilhá-los, porque a dor do cavaleiro é só dele. Os dramas deste herói se passam no mundo, rodeados de pessoas, relações, amores, amigos e inimigos, todo um cenário que pouco espaço deixa para a imensurável solidão necessária ao salto religioso.

A diferença que distancia o Herói Trágico de Abraão é evidente. O primeiro segue ainda na esfera moral. Para ele toda a expressão da moralidade possui o seu telos em uma expressão superior da moral; limita essa relação entre pai e filho, ou filha e pai a um modo de sentir cuja dialética é referente à idéia da moralidade. Conseqüentemente não temos aqui uma suspensão teleológica da moralidade em si mesma.

Muito outro é o caso de Abraão. Através de seu ato foi além de todo estágio moral... (Ibid., p. 71).

Grammont (2003) exemplifica o Cavaleiro da Fé e o Herói Trágico nas figuras de Abraão e Édipo, dizendo que o que diferencia um e outro é que o ato de Édipo (na peça) já tem seu início na culpa e na exposição dela e da dor que a culpa traz. Já o Cavaleiro da Fé está sozinho com sua interioridade e só se salvaria por meio do absurdo.

Por mais atroz que sejam os atos de ambos, Édipo encontra no geral a justificativa de seus atos. Já Abraão sabia-se incompreendido e que a justificativa do geral em nada mudaria sua atitude, por isso ele se cala.

Em suma, o Herói Trágico e o Cavaleiro da Fé, referindo-se ao estágio religioso, podem ser considerados figuras estéticas, uma vez que são imagens

criadas e desenvolvidas por um pseudônimo esteta, com o intuito de abarcar o processo da fé. E como esta faz parte do espaço do indizível, do mandamento ao silêncio, não haveria, pois, sentido no fato do Cavaleiro da Fé narrar a sua jornada, uma vez que esta é vivenciada e não teorizada, pensada e não falada. Isto cabe ao esteta fazer. O Herói Trágico e o Cavaleiro da Fé apresentados a partir do ponto de vista do esteta, nada mais expressam do que a possibilidade, a redenção como contraponto às doenças do espírito (desespero, angústia etc.).

Ambos personificam momentos de salto para a fé, tal como o absurdo, a resignação infinita e o paradoxo. Entretanto, cabe tão somente ao Cavaleiro da Fé a honra de concluí-lo arcando com toda a responsabilidade de tão enorme salto. O Herói Trágico prova a resignação infinita, abrindo mão de si mesmo, de sua pessoa, seus amigos e família, sua última gota de vida, mas somente pelo geral. E não é esta a ação, como demonstra Johannes de Silentio, que leva à fé, ainda que seja admirável. Ironicamente, livre é o Cavaleiro da Fé que, ao tornar-se servo fiel de Deus, realiza o salto para fé, enquanto que o Herói Trágico, alardeado pelo senso comum como representante da redenção e liberdades últimas do ser humano, nada mais é que uma marionete do Geral.

O homem pode vir a ser um Herói Trágico, pelas suas mesmas forças, porém não um Cavaleiro da Fé. Quando um homem se mete no caminho, doloroso em um sentido, do Herói Trágico, muitos devem estar prontos a aconselhá-lo; porém àquele que segue a estreita senda da fé, não há quem o possa auxiliar, nem quem o possa entender. A fé é um milagre; entretanto, ninguém está excluído dela; pois é na paixão que toda a existência humana acha a sua unidade, e a fé é uma paixão. (KIERKEGAARD, [1843], p. 78).

Livres foram Abraão e tantos outros anônimos que silenciaram ante a presença de Deus. Livre foi Edith Stein, que mudou humildemente e, quase anônima, escolheu sofrer calada o martírio que a paixão de Cristo solicita. Diferente de Abraão, ela não recebeu de Deus ordem alguma, mas, voluntariamente, escolheu-se como vítima de expiação em nome de seu povo materno, o povo judeu. Tamanha profundidade sequer era suspeitada pelos que lhe eram mais próximos: os segredos de sua alma, que ela afirmava serem só dela, só a alguns ela permitia conhecer - como seus confessores e diretores espirituais: “Quase nunca nos falava de religião, mas sentíamos que ela vivia sua fé. Observando-a, quando rezava na

capela podíamos tocar com o dedo o mistério da presença de Deus numa alma.” (MIRIBEL, 2001, p. 86).

Seu silêncio foi o do Cavaleiro da Fé, como ilustra a seguinte citação: Inquirida, um dia, sobre as razões de sua conversão, Edith simplesmente respondeu: “Meu segredo é só meu”, guardando realmente só para si o mistério da revelação de Deus à sua alma. (Ibid., p. 66).

Neste capítulo, em nenhum momento pode-se esquecer de que *Temor e tremor* é uma obra religiosa e filosófica, como Kierkegaard mesmo afirma no princípio do livro, tendo como suas outras obras o mesmo objetivo: a comunicação indireta. Por ser uma obra de grande profundidade reflexiva, transita-se brevemente por suas linhas, sem adentrar na enormidade da problematização que é o estudo de Abraão e demais personagens desta passagem bíblica, o que seria um afastamento do objetivo principal desta monografia, que é o estudo sobre a filósofa e fenomenóloga Edith Stein, à luz do pensamento kierkegaardiano.

No próximo capítulo, serão apresentadas citações (algumas já mencionadas anteriormente) que mostram as proximidades dos pensamentos de Stein e Kierkegaard, a fim de clarificar as semelhanças entre ambos.

3. ALGUMAS APROXIMAÇÕES ENTRE EDITH STEIN E SÖREN KIERKEGAARD

Ao longo dos estudos e leituras feitos para a presente monografia, diversas semelhanças entre a filósofa Doutora Stein e o pensador Sören Kierkegaard foram encontradas. Em Kierkegaard, muitas exortações e escritos representam muitas etapas e escolhas da vida de Edith Stein.

Neste capítulo, algumas citações permitirão, talvez, clarificar não só o pensamento kierkegaardiano como as escolhas feitas por esta filósofa, que após sua morte foi proclamada santa. Pretende-se, pois, demonstrar que Kierkegaard ofereceu uma proposta muito atual para se pensar a existência e que, através do exemplo de Edith Stein, esta proposta se torna mais possível ainda, contrariando os pensamentos modernos e as psicologias modernas, que isentam o indivíduo da responsabilidade com sua própria existência e suas próprias escolhas, e que deixam a religiosidade para a última instância. Sem deixar de lado, é claro, a importância que ambos os pensadores dão à fé como elemento propulsor para a vivência do homem no mundo. Com isto, pretende-se mostrar que a esfera da fé se faz importante para que o indivíduo possa tomar suas decisões de forma mais singular e com infinita apropriação das suas escolhas.

“O homem é espírito. Todavia, que é espírito? É o Eu” (KIERKEGAARD, 2003, p. 19). Assim Kierkegaard inicia a obra *O desespero humano* para poder desenvolver o que é a subjetividade humana em seu pensamento. Ele mostra que o Eu é uma relação que se estabelece consigo mesmo, não a relação em si, mas um voltar-se para esta relação. Orientando-se para si mesmo, o Eu volta-se para sua interioridade, transparece-se a si mesmo e, na sua transparência, volta-se para Aquele que colocou o conjunto da relação. Ao voltar-se para seu interior, o Eu descobre o poder que o criou. Para Kierkegaard, encontrar-se é voltar-se para o Autor, para Deus, que o criou.

Neste aspecto, o homem desperdiça boa parte da vida iludido e inconsciente de ser Eu, de ser Espírito, porque o Eu é espírito e se ele se afasta da existência ou da presença de Deus, se afasta de si mesmo, porque se esquece que o Eu está para o Autor. Ou seja, de que o Espírito está para Aquele que o criou.

Edith Stein viveu esta verdade de Kierkegaard ao afirmar que “quem procura a verdade, procura necessariamente a Deus, sabendo ou não” (MIRIBEL, 2001). Mas não só ao afirmar: viveu isto em toda a sua profundidade. Afirmava ainda que o homem, sendo a imagem e semelhança de Deus, tem nele a essência de Deus; por isto, ele é atraído por algo mais forte que a exterioridade. Relembrando, Edith dizia que a meta e o fim do homem são a união com Deus e o homem por definição é o Ser que busca Deus; sair deste projeto é ir para o antinatural.

O natural não está na ausência da forma nem na deformação. Ao contrário, quem submete sua natureza a um jugo muito rigoroso, procurando conformá-la, à força, com um ideal exterior, poderá obter, às vezes, a liberação de uma parte dele mesmo, mas poderá também violentar-se ao ponto de adquirir uma personalidade desnaturada e fictícia. E isto será sempre com prejuízo da verdadeira liberdade porque nossa inteligência das coisas será parcial e limitada. (STEIN, apud MIRIBEL, 2001, p. 93).

O caminho para esta liberdade é o Cristo crucificado, por meio da fé. Cristo Crucificado, no sentido de que, para o cristão (católico), a crucificação deve ser via para o encontro do homem com Deus e, conseqüentemente, consigo mesmo.

A compreensão de Edith Stein e de Kierkegaard sobre o divino e o humano passava pela mesma reflexão, pois ambos acreditavam no homem direcionado para o eterno e que, neste direcionamento, o homem tem clareza das questões da existência. Para ambos, o homem está no mundo em busca de Deus. O aumento de sua sede pela verdade leva cada vez mais ao encontro com Deus, encontro que dará lugar ao silêncio e, no silêncio, o diálogo com Deus. O conhecimento de ambos mergulha no mistério cristão e, apesar de tantos escritos, pouco se saberá sobre a vida interior de Edith e Kierkegaard.

O depoimento de Stein mostra como ela se “desfez dos laços da ilusão” muitas vezes, com suas atitudes, entregando-se na sua totalidade ao encontro com Deus⁶, pois afirmava de forma bastante semelhante ao que Kierkegaard dizia. Desfazer-se da ilusão é o caminho para que o homem possa desenvolver uma personalidade profunda, não se deixando levar pelo “*ritmo das paixões*” (idem, p. 93), como faz o personagem kierkegaardiano Johannes, em *O diário de um sedutor*.

Mesmo que o homem busque a perfeição em si mesmo, afirmava Stein, ele não suportaria o esforço antes de atingir este fim, pois:

⁶ Disse Edith: “o importante, aqui, creio eu, é evitar uma ilusão”. (MIRIBEL, 2001, p. 78)

[...] os poderes virtuais que trazemos dentro de nós e que estão como interligados, voltar-se-ão para uma luz que os conduzirá seguramente a uma força que os libertará e lhes dará a possibilidade de desabrochar. São a luz e a força da graça divina. (STEIN, apud MIRIBEL, 2001, p. 93).

Os testemunhos de ex-alunas mostram como não só ela se “desfez dos laços da ilusão”, como também, por atos, propiciou que outros se desfizessem. De acordo com o relato de uma ex-aluna, “sua maneira de rezar tocava mais profundamente as almas que os mais belos discursos” (MIRIBEL, 2001, p. 84).

Uma temática importante em Kierkegaard, e talvez a desencadeadora de todo o pensamento kierkegaardiano, são as diferenças entre os conceitos de cristianismo e cristandade. Em Edith Stein, cristianismo e cristandade podem ser exemplificados por meio do testemunho de outra aluna de Stein, que mostra que ela não vivia na cristandade, mas buscava viver o cristianismo e, de tão íntegra, conseguia revelar mesmo que nada dissesse.

Vê-la cada dia, durante a missa, rezando diante de nós, era presenciar o mistério, o esplendor encoberto de uma vida transformada pela fé... Não me recordo de palavras suas que pudesse citar. Será que me falha a memória? Mas o que dela me ficou foi a lembrança de seu silêncio. Sua maneira de ser tocava mais do que qualquer palavra que nos pudesse dizer... [...] Quase nunca nos falava de Religião, mas sentíamos que ela vivia a sua fé. Observando-a, quando rezava na capela, podíamos tocar com o dedo o mistério da presença de Deus numa alma. (Ibid., p. 86).

Algumas citações sobre Edith Stein são exemplificações do que Kierkegaard considerava como uma vivência do estágio religioso e, neste sentido, pode-se chamá-la, sem medo, de Amazona da Fé⁷. Dom Rafael Walzer diz, em um testemunho apresentado após a morte da Doutora, que “Ela ouviu a voz do Altíssimo e atendeu ao seu chamado sem procurar saber para onde ia o caminho” (Ibid., p. 134). E acrescenta:

[...] não acho que ela, propositalmente, tenha deixado escoar o prazo fixado para sua partida para Suíça, a fim de se expor, voluntariamente, a atroz repesálias. Certamente que por obediência humilde, ela se submeteria a correr o risco de morrer.

⁷ Tomo a liberdade de criar o termo feminino “Amazona da Fé”, em alusão ao termo masculino “Cavaleiro da Fé”, utilizado por Sören Kierkegaard no livro *Temor e tremor*.

Não parecia muito preocupada em assegurar sua fuga. Em todos estes acontecimentos ela portou-se com uma santa indiferença, com um completo abandono à vontade divina. (Ibid., p.135).

Duas outras citações são importantes testemunhos de pessoas que reconheceram em Stein um exemplo de verdadeiro cristianismo, de apropriação frente às decisões que tomou, não sendo apenas interpretações. Tais decisões representam uma reflexão “bem kierkegaardiana”, por parte de Edith, até onde pôde decidir. Uma delas relatou: “O que me parece notável em irmã Benedita foi a visão ampla e elevada que tinha de todas as coisas, uma visão dominadora, livre de paixões e da sensibilidade. (MIRIBEL, 2001, p. 166). Mais adiante, relatam que

[...] Entre os prisioneiros que chegaram no dia 05 de Agosto ao campo (de Westbork), destacava-se nitidamente Irmã Benedita por seu comportamento pacífico e sua atitude tranqüila. [...] Irmã Benedita estava no meio das mulheres, como um anjo de consolação, acalmando umas, tratando de outras. Muitas das mães pareciam entregues a uma espécie de prostração próxima à loucura. Deixavam-se ficar lá gemendo como que atoleimadas e descuidando-se de seus filhos. Irmã Benedita ocupava-se dessas crianças, dava-lhes banhos, penteava-os, preparava-lhes o alimento, cercando-os de cuidados indispensáveis. (Ibid., p. 187)⁸

Quando Kierkegaard, em *Ponto de vista explicativo de minha obra como autor*, fala do homem frente a Deus e, em *Temor e tremor*, do homem que ao entregar-se aos desígnios de Deus os realiza sem preocupar-se com as conseqüências, pois está seguro “na vontade de Deus para ele”, torna mais clara, no texto de Edith Stein, chamado *A ciência da cruz*, a seguinte afirmação:

Aquele que, na certeza obscura da fé, não deseja outra coisa que não seja o que Deus quer, atingiu o mais alto grau a que o homem pode chegar com a graça de Deus. Sua vontade, inteiramente purificada e livre de qualquer interesse terrestre, está, por uma doação espontânea, unida à vontade de Deus... E, no entanto, falta ainda a esta alma qualquer coisa de decisivo para a união que transforma e para o matrimônio espiritual... (STEIN, apud MIRIBEL, 2001, p. 141-142).

Neste sentido, pode-se compreender também a decisão de Abraão ao entregar seu único filho em oblação a Deus.

⁸ Relato de um comerciante judeu encarregado de vigiar os presos de Westbork e que teve a sorte de escapar da deportação.

Com o aprofundamento dos estudos na vida e no pensamento de Edith Stein, encontra-se no pensamento religioso de Kierkegaard o que pode ser considerada uma justificação, uma explicação ou uma leitura da vida de Edith. O escrito deste a respeito do martírio impressiona, sendo o martírio da Irmã Teresa Benedita da Cruz sua exemplificação, possibilitando a compreensão de seu comportamento no campo de batalha, pois para o pensador dinamarquês “... quem é condenado à morte deve ter a verdade por si, já que, por hipótese, se expõe à morte por ela”. (KIERKEGAARD, 1986, p. 144).

Obrigou um homem a prestar atenção e a julgar, eis a lei do martírio verdadeiro. Um autêntico mártir nunca recorreu ao poder; sempre combateu com a força de sua impotência. Obrigou os homens a prestarem atenção. Certamente, sabe Deus, eles estiveram atentos: condenaram-no à morte. Todavia ele consentiu; não pensou que a morte o paralisaria na sua atividade, compreendeu que ela fazia parte integrante daquela e, até que a sua atividade começava justamente a partir da morte. (Ibid., p. 45).

Mais adiante, Kierkegaard continua:

[...] A muito longe da minha memória remonta o pensamento de que toda a geração conta com dois ou três homens sacrificados pelos outros e destinados a descobrir nos terríveis sofrimentos aquilo de que os outros tiram proveito. (Ibid., p. 74).

O pensador prossegue, dizendo que “[...] Hoje em dia, para ser útil, até o mártir deve ter reflexão, se quiser dominar a sua época de modo a mantê-la na expectativa e a fazer-se matar por ela – para que se siga o ressurgimento”. (Ibid., p. 80).

Kierkegaard falava sobre uma fé que é vivenciada no silêncio das palavras e no testemunho demonstrado nas atitudes. Ou seja, viver em ato a fé que professava dando, neste sentido, um testemunho da Verdade. Conhecendo a vida e o caminho percorrido por Edith rumo à Verdade que ela tanto buscou, pode-se identificar nas palavras de Kierkegaard, o que foi a vida desta santa. Para ele, a busca da verdade implica em uma “responsabilidade do homem perante Deus no tocante de reflexão que lhe foi dedicada” (Ibid., p. 81). Portanto, se o homem desde o seio de sua mãe quisesse a Verdade “ele seria *eo ipso*⁹ mártir desde o seio de sua mãe”. (Ibid., p. 100).

⁹ Do latim, significa “mesmo” para quando se quer afirmar algo com muita veemência .

Aquele que crê não espera algo particular, como disse Kierkegaard em *Dois discursos edificantes, 1843* (KIERKEGAARD, 1843/2007), pois pode se enganar. A única expectativa que cabe ao crente é a “*expectativa da fé*”, que é a única que ninguém pode lhe tomar e esta é a vitória, porque:

[...] Eu não sou enganado, desde que não creio que o mundo manteria a promessa que parecia fazer-me; minha expectativa não estava no mundo, mas em Deus. Esta expectativa não é enganada; mesmo agora eu percebo sua vitória mais gloriosamente e mais alegremente do que percebo toda dor da perda... (KIERKEGAARD, 2007, p. 195).

Em relação à expectativa, disse ainda que

O homem de fé não exige qualquer concretização de sua expectativa. Ele diz: “Se eu presumisse algo como sendo a concretização, então, ao concretizar-se, se minha expectativa seria ao mesmo tempo refutada. Minha alma não é insensível ao desfrute ou à dor particular, mas Deus seja louvado, algo particular não pode concretizar ou refutar a expectativa da fé. Deus seja louvado! O tempo não pode concretizá-lo ou refutá-lo, porque a fé espera uma eternidade. (Ibid., p. 200).

Tanto para Santa Teresa Benedita da Cruz quanto para Kierkegaard, a alegria estava em obedecer a Deus. Pouco do que se sabe da vida íntima e pessoal de ambos é que a relação deles com Deus era da ordem da reflexão, feita na interioridade. Na verdade, Edith falava muito pouco sobre si mesma e encontram-se poucos relatos com informações pessoais sobre ela. Já em Kierkegaard, encontram-se mais facilmente alguns relatos, escritos por ele mesmo. Assim, para ambos se fazem justas as palavras de Kierkegaard: “[...] é também porque na minha oração encontro minha consolação em dar graças”. (KIERKEGAARD, 1986, p. 68).

E continua, dizendo: “Mas, se vejo bem, encontro, acreditando, o descanso na minha confiança na confiança de Deus, e a felicidade volta até mim.” (Ibid., p. 69).

Em *Dois discursos edificantes*, afirma que

Deve ser o motivo pelo qual freqüentemente os homens a quem Deus chamou a serem provados em combate foram de uma batalha pior para a que parecia tão terrível aos outros; eles devem eventualmente ter sorrido no calor do combate quando se lembraram da batalha invisível que precedera esta. Eles foram admirados no mundo pelo triunfo na batalha aparentemente mais perigosa, mas

para eles esta era apenas um jogo quando comparada com a precedente, a qual ninguém viu. (KIERKEGAARD, 2007, p. 187).

Tanto a filósofa quanto o pensador acreditavam que os projetos de suas vidas ou - por que não dizer? - que suas vidas eram fruto da Providência Divina. Neste sentido, pode-se apontar que os dois tinham como objetivo de vida levar o outro a tornar-se verdadeiramente cristão. Contudo, cristão como o próprio Cristo ensinou e não um cristão amarrado à cristandade. Sendo assim, encontra-se nas palavras de Teresa Benedita da Cruz a semelhança com o pensamento kierkegaardiano sobre a Providência Divina em sua vida:

O que estava nos meus planos, estava nos planos de Deus. Para mim, é cada vez mais forte a convicção de que, visto do ponto de vista de Deus, não existe o acaso, e que toda minha vida, até nos seus pormenores, está predelineada no plano da Divina Providência e, diante dos olhos de Deus, que tudo vêem, está repleta de sentido. Agora, começo a esperar com satisfação pela glória do céu, à luz da qual esse sentido será desvendado também a mim. (STEIN, apud KAWA, 1999, p. 65).

No discurso de Kierkegaard, através de Johannes de Silentio, e no de Edith Stein, percebe-se a maneira de se pensar e de se espantar daqueles que se encontram imersos nas indagações concernentes ao ético-religioso, não se colocando fora do mundo, mas nele, para fazer de suas descobertas de si, a diferença no existir do Ser Humano. Afinal, não foi isto que Sören Kierkegaard e a Doutora Edith Stein fizeram?

Eu de forma alguma concluo que a fé seja algo inferior, mas sim que é o mais elevado, também que é desonesto por parte da Filosofia colocar algo em seu lugar e desencorajar a fé. A filosofia não pode e não precisa promover a fé, mas deve compreender a si mesma e saber o que ela oferece e nada tirar, e ainda menos iludir os homens para fora de algo fingindo que isto não é nada. (KIERKEGAARD, apud GOUVÊA, 2002, p. 104-105)¹⁰.

E, segundo relata Miribel (2001), Stein teria dito algo parecido:

No fundo nada sabemos sobre a forma presente de nossa vida, se é boa ou não. Do que temos certeza é que estamos aqui neste mundo, agora, para trabalhar pela nossa salvação e daqueles que nos são

¹⁰ Tradução encontrada no livro *A palavra e o silêncio*, de Gouvêa.

caros. Quanto a isto não há dúvida... (STEIN, apud MIRIBEL, 2001, p. 78).

Dom Feuling, amigo de Edith Stein, após uma visita ao Carmelo de Colônia, escreveu um relatório que permite visualizar ou, ambiciosamente falando, sintetizar a exemplificação do pensamento kierkegaardiano:

No que concerne ao domínio religioso, seu desenvolvimento foi completo. Ela, que outrora lutou pela defesa de valores espirituais em meio a um círculo brilhante de contemporâneos célebres, encontrava-se agora como que escondida, enterrada profundamente numa vida que era conhecimento experimental da verdade. Para ela já estava ultrapassado o plano das discussões entre diversas formas de sistemas filosóficos ou de crenças religiosas. Não se tratava mais de procurar a verdade, mas de vivê-la. Já ultrapassa as coisas e considerava-as, desde então, através do prisma da fé divina. Acima da concepção humana, da ciência filosófica e do saber teológico, atingiu esse grau de conhecimento espiritual... (MIRIBEL, 2001, p. 167).

Tanto Teresa Benedita da Cruz quanto Sören Kierkegaard mantiveram como meta o Amor ao Divino Deus e, unido a isto, levar os homens - tantos quantos pudessem - a este Amor. Mais do que com palavras, o fizeram com atos, atos que demonstram o que o próprio Cristo fez: viver em ato a fé no Deus que O criou. Cristo viveu como homem para nos mostrar que todos, como homens e mulheres, também podem fazê-lo. Edith Stein e Sören Kierkegaard também viveram como o próprio Cristo ensinou e conforme a fé que professavam. Em Santa Tereza Benedita da Cruz e em Kierkegaard, encontram-se não só exemplos de fé vivida, mas exemplos de entrega a Cristo pelo próximo, pois em ambos se reconhece uma vontade verdadeira da fazer o outro tornar-se um com o Cristo. Como disse São Paulo: “Estou pregado à Cruz de Cristo. Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim; a minha vida presente na carne, eu a vivo na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”. (Gálatas 2, 19b-20, 1998)¹¹.

¹¹ Tradução Bíblia Ave Maria.

CONCLUSÃO

O amor, enfim, liberta a vontade de todas as coisas, obrigando-a a amar a Deus acima de tudo, o que só é possível se excluídos os desejos das coisas criadas. (Edith Stein)

O caminho de Edith Stein - desde seu encontro com a filosofia até o Carmelo -, bem como o de Kierkegaard - rumo ao cumprimento de seu objetivo de vida como autor (qual seja, desatar os laços da ilusão dos homens de seu tempo e levar o homem a tornar-se cristão), basearam-se no amor a Deus e na libertação da vontade. Em ambos percebe-se a preocupação de demonstrar, através do testemunho de suas vidas, um convite a uma singularidade, na qual, no abandono total e íntimo, encontra-se o alívio da solidão de quem está em conformidade com o Cristo Crucificado. Quando se está com Deus não se está sozinho. Os dois parecem testemunhar, com suas próprias vidas, que, no cristianismo vivido fielmente, o homem torna-se mais consciente e livre para escolher seus caminhos:

Caminho do completo despojamento ou da total renúncia é o caminho estreito que poucos encontram. É o caminho da Cruz que exige a escolha de tudo o que for amargo por amor a Deus [...], atitude que causa estupefação, estranheza e horror a muitos... (Homem, Revista Semestral, 2003, p. 211).

O essencial no pensamento de Edith Stein e no pensamento de Kierkegaard está no indivíduo tornar-se capaz de mediar suas decisões de forma única, como um ser único que está na multidão, mas não é a multidão. Terrenamente, o homem é angústia por ainda não pertencer a si mesmo. No entanto, com a ajuda de Deus, torna-se único e desnudo de todas as máscaras que ele até então acreditava ser seu eu mais próprio. Para Kierkegaard, só a fé pode levar o homem a superar a angústia, pois ele a supera n'Aquele a quem tudo é possível. (FAITANIN, 2003, p. 183).

Quando o homem eleva seu interior a Deus, eleva-se acima de si mesmo, para além de si mesmo, e consegue então penetrar seu íntimo. Nesta relação com seu íntimo, o homem relaciona-se com Deus.

Kierkegaard e Stein encontraram, nos caminhos de suas vidas, a sua própria cruz, no limite de superação própria. Kierkegaard a encontrou no sofrimento de ser um eterno melancólico e na solidão que escolheu para si, a fim de pôr em prática, o

que ele considerou como um pedido da providência divina: levar os homens a viver um cristianismo verdadeiro, por meio de suas obras e assim mostrar o Deus que o arrebatou de amor. Edith Stein a encontrou no caminho de afastamento de sua família e da não aceitação destes da sua vocação e de sua ida ao Carmelo. E encontrou ainda na entrega total de Deus por meio do martírio. Em nome de Deus e em nome do povo judeu, cessou de lutar por si e entregou-se livre e consciente de que caberia aos judeus que reconheciam o Cristo Crucificado a missão de levar a cruz por aqueles que não O reconheciam. Neste sentido, deixa transparecer sua convicção de que:

[...] Dificilmente haverá artista que não sinta o desejo de reproduzir a imagem de Cristo pregado na cruz ou a carregá-la. O Crucificado exige, entretanto, do artista, algo mais do que a simples imagem. Requer de cada homem a imitação: isto quer dizer que o artista deve também transformar-se em Cristo, a ponto de carregar a cruz e de ser, como ele, nela pregado. (STEIN, 2002, p. 14).

Como pensadores cristãos, ambos estavam bastante habituados a compreender o sentido das provações e do sentido que estas provações teriam na eternidade. Viver pela fé, para aqueles que não realizaram o salto da fé, torna-se sem sentido e profundamente pesado, pois pressupõe um abandono de todas as certezas e do controle que se acredita ter. Edith Stein, como exemplo de “Amazona da fé”, realizou o salto da fé e, no salto, encontrou a certeza do consolo que vem de Deus.

Sendo assim, ciência alguma poderá explicar, entender ou justificar a fé, pois a racionalidade de que se precisa para alcançar algum entendimento não permite compreender o que está acima de si mesmo e ao mesmo tempo em si mesmo, na interioridade. Isto só pode ser compreendido por aquele que o experimenta, porque, mesmo que não compreenda, aceita tudo o que vier, em nome de Deus. A verdade torna-se para aquele que a busca uma constante oração, como foi para Edith Stein.

Refletindo sobre a vida destes dois filósofos, pode-se dizer que “a possibilidade da fé”, a escolha pela fé, deve existir nos desejos do homem, visto que, à medida que há um confronto com um eu individual e também com Deus, desmontam-se todos os medos, desesperos e angústias de quem realmente se é. Muitas vezes, o indivíduo se deixa levar pela multidão por não querer mergulhar na

incerteza humana e na certeza divina na qual se torna impotente em escolher o futuro, mas na certeza de realizar a vontade de Deus.

A singularidade da fé lembra que a decisão que se toma é totalmente singular frente a Deus, pois ela independe dos ditames da massa. Neste sentido, a decisão de Edith Stein torna-se consciente e corajosa, um fardo leve de quem tem a certeza de obedecer à vontade de Deus, para Ele e com Ele. A certeza que ela tinha era a de contemplar concretamente a face de Deus ao alcançar a eternidade. Nas palavras de Kierkegaard,

É preciso uma coragem puramente humana para renunciar a toda temporalidade a fim de obter a eternidade; porém, ao menos eu a conquisto e não posso, já na eternidade renunciar a ela sem cair em contradição. Torna-se indispensável, porém, a humilde coragem do paradoxo para atingir então toda a temporalidade em razão do absurdo, e coragem semelhante somente a dá a fé. (KIERKEGAARD, [1843], p. 62).

Edith Stein não esperava que a recompensa pela sua dedicação à fé em Jesus viesse no plano terreno; ela sabia que sua recompensa estava na eternidade, diferente de Abraão que esperava de Deus a recompensa de, após sacrificar seu filho único, recebê-lo de volta. No fim, independente de que escolha se faça, nenhuma psicologia, filosofia, modernidade, ciência ou multidão irá ancorar o indivíduo. Somente a certeza da fé que se tem poderá fazê-lo.

Tal era o objetivo de Kierkegaard: levar seus leitores a ver no fim que nada do que é da esfera da multidão servirá ao homem, pois o sentido só é dado pela fé, fé que é pessoal e que, além dele mesmo, se transparece em Deus (e na relação do homem com seu criador), mesmo que se diga que não se crê em nada ou que não se crê em mais nada. A escolha refletida e pessoal torna-se mais apropriada do que a escolha baseada na reflexão da multidão.

Teresa Benedita da Cruz ousou escolher a fé em Cristo Crucificado como possibilidade de vida, contemplando-a no seu sentido pleno por meio da vida de reclusão em um convento. Não como santa, porque só se é declarado santo após a morte, mas como ser do mundo que pode escolher como quer conduzir sua vida. Ela encontrou na vida religiosa a verdade que, para ela e para Kierkegaard, está em Deus. Desta escolha, assumiu todas as conseqüências, sem voltar atrás.

O pensamento kierkegaardiano convida a escolher como viver neste mundo e a assumir tudo o que esta escolha propiciar. Neste sentido, a esfera religiosa e, por que não dizer, o exemplo de pessoas religiosas podem se tornar uma lanterna a iluminar os caminhos obscuros e incertos das escolhas a serem feitas. O que se quer dizer com isto é que o homem deve buscar para si algo que o ajude a se apropriar de suas escolhas, como exemplificadas na vida de Edith Stein e Sören Kierkegaard.

Finalmente, segundo Kierkegaard,

Um homem pode mesmo, nesse derradeiro momento, concentrar toda a sua alma em apenas um olhar para o céu de onde flui todo o dom perfeito, e esse olhar será entendido por ele e por aquele que busca, como sinal de que permanece, não obstante tudo, fiel ao seu amor. Vestirá, então, com tranqüilidade, a vestimenta da loucura. (Ibid., p. 62).

Desta forma, a religiosidade ou um caminho para Deus é algo que pode conduzir o individuo, mesmo sabendo de todas as dores ou alegrias que poderá encontrar pelo caminho. Uma vez que se tenha apropriado, sente-se livre em meio aos clamores da multidão.

ESTUDO DE CASO CLÍNICO

Neste capítulo, far-se-á uma leitura compreensiva da filósofa e fenomenóloga Edith Stein, a partir dos fundamentos da filosofia da existência de Sören Kierkegaard, em cumprimento da exigência da formação em Psicologia Clínica do IFEN. Serão apontados alguns traços marcantes de sua personalidade a partir de relatos próprios, de amigos e parentes. Traços estes que apareceram já na sua infância e, ao longo de suas reflexões e batalhas interiores, assumiram dimensões ainda maiores e mais marcantes.

Para desenvolver este Estudo de Caso Clínico, foram utilizados o livro *El verdadero rostro de Edith Stein* (HERBRSTRITH, 1999) e o filme *As sete moradas* (2006).

O filme traça a trajetória de vida de Edith Stein e narra três grandes fases de sua vida. Na primeira, apresenta a infância de uma menina ativa, determinada, de inteligência privilegiada e memória prodigiosa. Na segunda fase, apresenta a estudante, professora e filósofa e, na terceira fase, apresenta a conversão de Edith ao catolicismo, sua entrada no Carmelo e a perseguição do regime nazista.

A biografia de Edith foi escrita por Waltraud Herbstrith, religiosa que a conheceu e viveu com ela no Carmelo de Echt na Holanda, acabando por se tornar “filha espiritual” de Irmã Teresa Benedita da Cruz. O livro traz relatos de diversos momentos da vida desta filósofa, assim como relatos próprios de Edith. Tendo sido uma pessoa profundamente reservada e introspectiva, dificilmente encontram-se relatos acerca dela. Assim, *El verdadero rostro de Edith Stein* é precioso, por trazer fatos bem pessoais dos seus últimos meses vida, tendo sido até mesmo considerado por sua irmã Erna uma das melhores biografias já escritas sobre ela. Permite conhecer, ao menos um pouco, a vida desta filósofa e santa da Igreja Católica, sedenta pelo conhecimento desde a mais tenra infância. Assim, tentar-se-á compreender as escolhas existenciais, assim como as posições psicológicas de Edith ao longo de sua vida.

HISTÓRICO FAMILIAR

O bisavô materno de Edith era cantor e, como os ritos da religião judaica são cantados, conduzia todas as orações da família. A bisavó materna era uma mulher forte que ensinava todas as orações aos netos e dizia: “Senhor, não nos mande mais do que podemos suportar”. (HERBSTRITH, 1999, p. 23-24).¹²

A avó materna de Edith foi considerada uma mulher muito importante, sendo conselheira dos que a procuravam necessitando de ajuda. A nobreza a considerava uma honra tê-la como amiga.

Auguste Stein, mãe de Edith, era uma mulher trabalhadora desde muito jovem, sendo também muito inteligente e enérgica. Auguste foi um elemento fundamental para todos da família, e seu exemplo de caráter proporcionou força à personalidade de Edith Stein. Auguste Stein teve que vencer muitas dificuldades desde que se casou. Nos primeiros anos de casada, perdeu quatro filhos; alguns anos depois, por dificuldades econômicas, viu-se obrigada a mudar-se para Breslau e por isto afastou-se da proteção de seus parentes. Com pouco tempo morando em Breslau, Auguste ficou viúva: seu marido, aos 48 anos, morreu de insolação durante uma viagem de negócios. A senhora Stein se viu obrigada a cuidar sozinha de sete filhos e, aconselhada por seus parentes, assumiu os negócios da família. Edith estava com um ano e oito meses e era para sua mãe o último legado de seu esposo.

Por assumir os negócios do marido, Auguste Stein não tinha muito tempo para cuidar dos filhos, deixando esta tarefa ao encargo dos filhos mais velhos, especialmente Elsa e Erna, que ficaram responsáveis pela educação dos menores. Isto tornou todos muito unidos, principalmente Edith e Erna.

HISTÓRICO PESSOAL

Edith Stein nasceu em 12 de outubro de 1891 e faleceu em 09 de agosto de 1942. Era a caçula de 11 irmãos, quatro deles falecidos quando ainda eram crianças. Com raízes familiares na religião Judaica, Edith e seus irmãos aprenderam desde pequenos a devoção ao Deus de Israel, aos cultos e às orações.

¹² Toda as citações do livro *El verdadero rostro de Edith Stein* são uma tradução livre da autora deste trabalho, selecionadas de forma a apresentar trechos esclarecedores da vida de Edith Stein.

Apesar de pequena e dependente, Edith não se deixava controlar facilmente, o que tornava mais difícil a tarefa das irmãs em educá-la.

Edith Stein descreveu mais tarde com graça aqueles anos. Quando não saía tudo do seu gosto, se desafogava em estouros de ira. Trancá-la no seu quarto era inútil, porque os golpes que dava na porta com as mãos perturbava a todos na casa. (HERBSTRITH, 1999, p. 27).

No mesmo livro, uma amiga de infância de Edith descreveu assim seu temperamento:

Ela, que foi precoce, sendo a menor de vários irmãos, lia muito e recebia de seus irmãos muitos estímulos, porém desenvolvia um orgulho indomável, cuja tensão podia explodir em lágrimas de raiva quando não conseguia o que queria ou quando não tinha sucesso. (Ibid., p. 27).

Aos olhos dos outros, ela se apresentava com um humor oscilante e incompreensível, mas ela se refere a isto falando de uma vida dupla: uma que era vivida com os demais e outra que era vivida na solidão da reflexão. Edith mostrava traços temperamentais e independentes, tinha uma inteligência precoce e uma capacidade de decorar relatos e poesias que a transformavam numa “menina prodígio”. O que ela escreveu nos fala de uma pessoa muito reflexiva e introspectiva: “em meu interior há um mundo oculto... O que eu via e ouvia de dia, assimilava de noite”. (STEIN, apud HERBSTRITH, 1999, p. 27).

Como conta Herbstrieth (1999), sem causa aparente a menina de sete anos mudou de vivaz para calada e sonhadora:

Seu interior era um mundo dentro de um mundo, e a atração deste mundo interior era tão forte, que as impressões externas só lhe proporcionavam matéria para construir às escondidas um novo mundo. (HERBSTRITH, 1999, p. 28)

Edith Stein, em seu temperamento forte e por vezes impulsivo, desde pequena, por uma motivação muito própria, começava a voltar-se para si. O sofrimento e a solidão não eram algo do qual ela se queixasse porque, como ela mesma dizia: “Desde menina levei uma curiosa vida dupla; experimentava mudança incompreensíveis e caprichosas para quem me observava de fora”. (STEIN, apud

HERBSTRITH, 1999, p. 28). Neste trecho, um traço de personalidade que se tornou cada vez mais forte em Edith Stein aparece: a reflexão, que é o voltar-se para interioridade no silêncio. Neste momento, aparece um mundo interior rico onde Edith organizava as experiências vividas e seus próprios sentimentos em relação a estas experiências.

Sören Kierkegaard, afirma que o eu

[...] é uma relação que não se estabelece alheia a si mesmo, mas consigo próprio. Diz ainda: mas e melhor que na relação propriamente dita, consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade. O eu não é a relação em si, mas sim um voltar-se sobre si próprio. (KIERKEGAARD, apud FEIJOO, 2000, p. 56.).

Feijoo diz ainda: “Chegar à interioridade através da reflexão significa desembaraçar-se dos laços da própria ilusão, o que também é uma modificação reflexiva”. (FEIJOO, 2000 p. 117).

Fica a pergunta: será que a escolha de Edith pela reflexão não se culminaria, com a sua entrada para o Carmelo? Em uma compreensão psicológica, isto representa um afastar-se da exterioridade para entregar-se à interioridade. Mesmo sem ter consciência disto, estas reflexões solitárias não seriam um começar a desfazer-se dos laços da ilusão de ser o que não é? Ainda pequena já se voltava para sua interioridade e travava uma batalha solitária na tentativa de descobrir a Verdade ou, pelo menos, a sua verdade.

A vida dupla transformou seus ataques de ira em uma excessiva suscetibilidade. A visão de um bêbado caído na rua ou uma palavra pronunciada incorretamente lhe causava um grande sofrimento. Como não podia encontrar soluções para tudo o que via e ouvia sozinha, acabava tendo ataques de febre.

Esse adoecer pode ser entendido como o hermético em Kierkegaard, que é a pessoa que tem dificuldade de trocar o mundo interior e o mundo exterior. Segundo Protasio (2006) para Kierkegaard o “hermetismo” é “um modo de existir em que a falta de liberdade se dá à mostra”. E continua:

A liberdade é sempre comunicante [...] ‘a não-liberdade faz-se sempre e cada vez mais fechada e oposta à comunicação’. Esta mostra-se ao modo do súbito: subitamente mostra-se para, em seguida, esconder-se novamente. Faltaria ao hermético a auto-comunicação e a comunicação com o outro. O que esconde parece-lhe tão atroz que não revela nem a si mesmo. A retomada da

liberdade está para o hermético atrelada à revelação: ‘quem se atreve a pronunciar a palavra já desfaz o encantamento’. (PROTASIO, 2006).

E como Edith Stein disse: “De todas as coisas que secretamente padecia, não dizia uma palavra e nunca me ocorreu que pudesse falar sobre algo assim”. (STEIN, apud HERBSTRITH, 1999, p. 28).

Carlos Roger Salles da Ponte, na revista *Discutindo Filosofia*, escreve sobre o personagem Johannes Clímacus, do romance *É preciso duvidar de tudo*, de Sören Kierkegaard, considerando que Johannes Climacus

Faz justiça à origem de seu nome; vindo de um eremita, ele mesmo agia como tal: ‘retirado e em silêncio’, em meio à sociedade, ficava a meditar dia e, noite, já que o ‘murmúrio secreto dos pensamentos’ lhe era mais interessante do que as idas e vindas das pessoas. Sua paixão e seu enamoramento eram pelo pensar. (PONTE, 2008, p. 36).

Edith Stein também se formava com uma paixão e enamoramento pelo pensar e isto parece ter sido uma questão permanente ao longo de toda a sua vida, pois desde sua infância até a vida adulta, o saber e o pensar lhe deram segurança para assumir suas escolhas e todas as conseqüências vindas com elas.

Segundo Kierkegaard, “a existência implica na relação consigo mesmo e na relação com o mundo” (FEIJOO, 2000, p. 56) e era nessa duplicidade que Edith se mantinha. O que parecia ser sua busca incessante era o conhecimento e o medo que ela tinha de perder “a própria liberdade de espírito e da dignidade humana” (HERBSTRITH, 1999, p. 30). A liberdade de espírito era algo tão importante que desenvolveu nela uma admirável firmeza de caráter. Edith desde sempre teve um projeto de vida e soube distanciar isto dos projetos da família. Por isso, ela afirmou que adquiriu rápido “um autodomínio tal que quase sem luta podia manter uma ponderada tranqüilidade”. (Ibid., p. 30).

Sua irmã Erna a considerava “transparente como água” e seus irmãos mais velhos a consideravam “*un libro con siete sellos*”¹³. Ela se sentia chamada a algo grande, desejava que seu espírito se libertasse da fantasia e desejava ardentemente a liberdade e o conhecimento. Sentia como uma humilhação ela ser pequena na

¹³ Expressão que em tradução literal para o português significaria “livro com sete selos” e designa uma pessoa que contém todos os segredos da vida, ou da vida eterna.

intimidade familiar de adultos incapazes de compreendê-la. “Suspirava pela ciência e pelo conhecimento”. (Ibid., p. 30).

Ainda que fosse criança, ela parecia vivenciar, como Feijoo (2000) afirma,

O eu imediato que reflete sobre si próprio (que) vive o desespero de forma diferente. Neste caso a consciência do eu se dá pela reflexão: não se vê como algo contingente. Pelo esforço pessoal, regressa a si mesmo e age na tentativa de escolher-se, reconhecendo-se independente do exterior. (FEIJOO, 2000, p. 64).

Em um sentido mais prático, Edith suspirava pelo colégio, mesmo antes da idade permitida para entrar na escola, pois acreditava que lá a levariam a sério. Sobre isto, ela disse: [...] quando éramos pequenas a escola desempenhava um papel importante. E eu acredito que gostava mais de estar ali do que em casa. (STEIN, apud HERBSTTRITH, 1999, p. 31).

A escola se transformou numa segunda casa para ela que, segundo relatos, se acostumou rápido com o novo ritmo. O que havia no mais profundo do seu íntimo se transformava em firmes traços de personalidade. Devoradora ávida dos livros da escola gostava especialmente dos livros de História e de Alemão, que proporcionavam alimento suficiente para seu espírito inquieto. Segundo ela mesma, “Pouco a pouco também meu mundo interior foi se tornando mais claro e luminoso” (Ibid., p. 32).

Erna conta que Edith cursou uma classe em meio ano e:

Apesar disso, no Natal, já era uma das melhores. Era muito bem dotada e estava muito interessada, com uma vontade de ferro. Mas nunca foi uma pessoa ambiciosa no sentido negativo, mas uma boa e muito solícita companheira. (Ibid., p. 32).

Neste sentido, coloca-se frente às escolhas de forma bem firme e decidida, o que pode ser compreendido como uma forma de encontrar “na sua natureza livre, [...] a escolha” (FEIJOO, 2000). Ainda segundo esta autora, Kierkegaard diz que “poder escolher implica em tornar-se responsável pelo seu destino” (Ibid., p. 55). Stein era, pois, alguém dotada, não só da transparência da qual sua irmã fala, mas também da transparência atribuída por Kierkegaard. Transparência em Kierkegaard significa que, quando o homem reflete sobre seus atos e escolhas, na esfera do psicológico, revela-se a si mesmo e vê além do que se mostra, tornando suas escolhas e atos mais autênticos e próprios. (FEIJOO, 2005). Não vive na ilusão de

ser o que não é e revela-se a si mesmo e acerca de si mesma nos seus atos e escolhas.

Por ser tão dona de suas decisões, surpreendeu a todos quando declarou aos 13 anos que queria deixar os estudos. Talvez tenha sido aí que se iniciou o desmoronamento de sua fé judaica. Posteriormente ela reconheceu que, dos 15 aos 21 anos, não cria na existência de um Deus pessoal. Sobre isto, Erna conta:

Edith obteve durante todo o período escolar brilhantes resultados, e todos supunham como algo evidente que depois de acabar a escola ela faria o curso do Gimnasio na Escola Victória para poder ir para universidade. Sem dúvida nos surpreendeu com sua decisão de deixar a escola. Como sempre foi pequena e delicada, minha mãe se mostrou de acordo. (HERBSTRITH, 1999, p. 33).

A mãe de Edith então decidiu que ela seria enviada à casa de sua irmã Elsa para aprender os serviços domésticos e para ajudar a cuidar dos três sobrinhos pequenos e

Ali ficou oito meses e cumpriu com seu dever, mesmo não gostando dos trabalhos caseiros. Foram aparecendo os traços de caráter de Edith Stein: uma inteligência aguda, uma vontade férrea, sua consciência do dever e sua carinhosa solidariedade. Naquele tempo a viam silenciosa e taciturna encarcerada em seu próprio mundo interior, no entanto era capaz de realizar com consciência as tarefas manuais. (Ibid., p. 33).

Aqui se vê, mais uma vez, que Edith buscava sempre uma forma de encontrar-se sozinha com seus pensamentos, o que se pode considerar um impulso próprio para refletir sobre sua liberdade, possibilidades e necessidades. Isto tornará suas decisões mais próprias, porém, não livre de angústias e questionamentos, como aparece em alguns trechos do filme, que serão apresentados mais à frente.

Quando a senhora Stein a visitou, viu que o trabalho prático havia ajudado Edith a superar as crises e decidiu chamá-la para voltar à escola. Edith aceitou e, apesar de sua insegurança espiritual, buscava um novo sentido para a vida. Com vontade, mergulhou nos estudos da matemática e do latim e aspirou à docência. Ela mesma contou que:

Aquele meio ano de trabalho incansável ficava sempre em minha recordação como a primeira época verdadeiramente feliz na minha vida. Em grande parte se devia a que todas as minhas faculdades

anímicas estavam totalmente comprometidas numa tarefa, em coerência com ela. Quando ficava sozinha no quarto que me tinham designado para trabalhar e me sentava à mesa, já não me interessava o resto do mundo. Após resolver cada problema de matemática, assobiava uma melodia em som de triunfo. Nunca cogitei estudar matemática... Não tinha nascido para isso. Com o latim era completamente diferente. Aprender línguas modernas não tinham me oferecido tanta satisfação. Aquela gramática com suas regras tão estritas me encantava. Era como se tivesse que aprender minha língua materna. Todavia não podia supor eu, que era a língua da Igreja e que posteriormente eu rezaria nesta língua. (STEIN, apud HERBSTRITH, 1999, p. 34).

Nesta fala da filósofa, identifica-se mais um traço de sua inclinação ao recolhimento e ao pensar, quando ela diz que, ao ficar sozinha e ao sentar-se à mesa, nada mais a interessava, além de mostrar que, envolvida pelo seu amor a sabedoria, embrenhava-se pelos campos do saber, encontrando ali fontes de superação (matemática) e de prazer.

Com o curto período de descanso, as características da sua infância, como a vivacidade e rebeldia, foram se firmando em um temperamento tranqüilo e sereno, e que se transformou no principal traço de sua capacidade de resistência. Uma colega de classe disse:

Era muito trabalhadora, sem ser ambiciosa. Já possuía uma grande modéstia... Até hoje creio que sempre se sobressaía no conhecimento, mas também em idade, simplesmente porque era mais madura do que as outras e mais séria que as outras. A recordo como uma pessoa calada e profundamente interior, e, muito agradável. (HERBSTRITH, 1999, p. 35).

Edith, mesmo superando algumas fases difíceis em sua luta interior, nunca abandonou a pergunta pelo fundamento de sua existência. No lugar da fé vivida na sua infância, buscava a Verdade, mas o comportamento de sua mãe continuava a ser modelo de religiosidade, de amor desinteressado pelos filhos e de mortificação nas festas de sua religião materna. Erna Stein conta:

Além da escola, participava de bom grado de atos sociais; nunca era uma desmancha-prazeres. Todos podiam confiar a ela seus problemas e confidências. Sempre estava disposta a dar conselhos e ajudar, e acolhia tudo de bom grado. (Ibid., p. 36).

Boa amiga para suas companheiras, todos a consideravam querida por sua alegria, sua discrição e seu bom juízo. Rose Bluhm, uma amiga de escola, a

descreveu como uma moça muito atraente, carinhosa, risonha e com um formidável senso de humor. Em meio àquele ambiente sem pai, Edith nada questionava e seguia junto com sua irmã Erna na escola. Edith queria ser professora, e a cada dia isto se convertia mais e mais em uma necessidade interna. “Edith possuía todas as qualidades de uma boa educadora: tato, autoridade, paciência, gosto pela matéria e dom para com as pessoas, especialmente as crianças”. (Ibid, p. 37-38)

Seu tio David Chemnitz tinha grandes planos para as sobrinhas. Queria construir um sanatório e sonhava em ver Erna e Edith médicas, mas Edith não se deixou deslumbrar pelos planos de seu tio, cujas técnicas de persuasão se tornaram inúteis. Ele havia se enganado com sua doce e carinhosa sobrinha:

Não podia atuar enquanto não houvesse um impulso interior. As decisões nasciam de uma profundidade desconhecida para mim mesma, mas uma vez que haviam aparecido diante da claridade da consciência e tomado uma forma conceitual, já não deixava me deter por nada; para mim era como um entretenimento esportivo obter o que era aparentemente impossível. (STEIN, apud HERBSTRITH, 1999, p. 38).

Para seu tio, Edith explicou que o homem deve escolher sua profissão seguindo suas próprias inclinações e atitudes. O tio não via ainda com clareza estas idéias modernas, mas sentia respeito pelas opiniões tão próprias de Edith Stein. Aos 20 anos, foi aprovada no segundo grau; já era uma pessoa com um caráter firme, que sabia o que queria. Acerca desse episódio, comentou:

Dos grandes sentimentos de felicidade que esperava para depois dos exames, não havia nada, senão, um grande vazio. Uma parte de minha vida íntima e familiar acabava de passar para sempre. Que viria agora? Considero as tácitas objeções de meu bom tio contra minha escolha profissional? Havia tomado realmente a decisão correta? Estamos no mundo para servir os homens... E a melhor forma de servir os homens é fazer aquilo para o qual se possuem as aptidões adequadas... Assim, pois, a decisão parecia irrepreensível. (STEIN, apud HERBSTRITH, 1999, p. 39).

Sua busca pela verdade em meio a pensamentos e lutas interiores colocava em jogo sua interioridade e exterioridade. Um jogo cheio de paixão e entrega total por parte de Edith. Paixão que Kierkegaard considera o combustível para a busca da verdade. Este empenho apaixonado de Edith é parte de sua personalidade forte e decidida, uma vez que ela se entregava com paixão a todos os projetos a que se

propunha, mesmo que não fosse aquilo que ela mais gostava - como lidar com os afazeres domésticos e com a matemática. Toda esta dedicação apaixonada levou-a a uma interioridade, a um mergulho em si e à sua singularidade ao encontro com a realidade. Como diz Ponte (2008), sobre o livro de Kierkegaard *Migalhas filosóficas*:

A verdade autêntica é aquela vivida subjetivamente, exigindo do humano uma decisão apaixonada. Tal paixão é a fé, como uma espécie de 'incerteza objetiva'. Assim, a existência verdadeiramente vivida e pensada é uma decisão apaixonada, bem entendida, pela verdade da fé. (PONTE, 2008, p. 35-36).

A formação de personalidade de Edith, tão firme e decidida, se deu em meio à dúvida e a reflexão. É possível que o pulso firme de sua mãe possa ter influído e colaborado como exemplo para Edith. Contudo, dúvida e angústia permeiam o homem reflexivo, porque o colocam ciente de suas possibilidades, das escolhas, ilusões e de sua finitude, remetendo a uma consciência de ser responsável por sua liberdade na vida e frente ao mundo. Edith Stein, numa das cenas do filme, diz:

- A alma, o eu e a liberdade, a decisão última sobre si é direito da pessoa. A liberdade pessoal é um segredo tão grande que diante dela até Deus se detém com respeito. (Meszaros. Título 4. Capítulo 8. 2006)

Edith aqui parecia estar consciente de que, uma vez livre, só ela poderia escolher. Aqui se pode analisá-la como um indivíduo que, no salto de suas escolhas, atribui a responsabilidade de decidir a si mesma, não se permitindo manter-se no que Kierkegaard chama de posição psicológica de não liberdade. Ao invés de justificar-se no acaso ou no destino, ela se apropria de suas escolhas. Como aparece no seguinte diálogo do filme, em que Edith conta a sua mãe sobre sua conversão ao catolicismo:

A mãe diz:

- Estou orgulhosa de você. Uma professora de filosofia. Minha filha!
- Mamãe, preciso lhe contar uma coisa. Eu sou judia e continuo judia, mas me converti ao catolicismo.
- (silêncio)
- Por quê? Por que motivo fez isto? - pergunta a mãe.
- Procurei tanto o amor, e eu o encontrei em Jesus, nEle e por meio dEle se chega a Deus.
- Você nos traiu como fez Jesus!
- Ele se crucificou por nós! - diz Edith

- Você não tinha esse direito. Sei que sempre vai ao fundo em suas escolhas, mas eu lhe suplico, por meus filhos, por meus netos, renuncie!
- Sinto muito, mamãe, eu não posso voltar atrás. O ser humano não pode encontrar a si próprio a não ser em Deus. É Deus que me dá a força da vida interior. Jesus! Jesus!
- E a mãe termina, dizendo:
- Você não é mais minha filha! (Meszaros. Título 4. Capítulo 2. 2006)

Dias depois, Edith conta a todos os irmãos que vai para o Carmelo e um irmão pede que explique, pois ela sabe explicar tudo. Edith responde: “Não consigo explicar tudo. Este é meu segredo”. (Meszaros. Título 4. Capítulo 5. 2006)

Edith assumiu as conseqüências de sua escolha, mesmo sabendo que se indisporia com sua mãe: aceita o que Kierkegaard chama de jogo entre interioridade (sua conversão pessoal) e exterioridade (sua família) e mantém-se construindo a sua verdade neste jogo dialético, que é estar no mundo livre de ilusões. Conforme Kierkegaard, não se pode decidir sem temor e sem tremor, mesmo se estando certo do que se tem a fazer.

Uma conseqüência da firmeza de suas decisões foi muitas vezes não ser compreendida, conforme se vê na cena em que Edith é interrogada, de forma austera:

- Como uma jovem judia qualquer tenha chegado a ser uma personalidade famosa e respeitada e que hoje se encontra no centro das atenções gerais. Antes a senhora era somente uma assistente de Husserl, mas hoje é uma filósofa conceituada e faz conferências por toda Europa. Parece ter realizado seu sonho.
(prossegue dizendo que ela rompe com sua religião materna e que só se interessa pela política e pelo poder...)
- Nunca está satisfeita! Quer sempre mais! Não conhece seus limites! É típico dos Judeus!
- O senhor continua procurando fora de si o que não conseguiu encontrar dentro. Muito obrigada a todos! E sai. (Meszaros. Título 4. Capítulo 2. 2006)

Vê-se ainda no filme que Edith é professora de filosofia do Instituto de Pedagogia Científica de Münster, por volta de 1935, quando o Terceiro Reich foi instituído na Alemanha. Ouve então um professor dizer que vai se separar da mulher por esta ser judia. Edith não perde tempo em demonstrar-lhe sua indignação diante da complexidade e incongruência que vê ao seu redor neste momento. Sai correndo pelas escadas e cai. Caída no chão, talvez pressentindo que aquele seria o início de sua caminhada com sua cruz, diz, numa alusão às palavras de Jesus: - Aquele que

não carrega a sua cruz e me segue não é digno de mim. (Meszaros. Título 4. Capítulo 3. 2006)

Devido à intensificação da perseguição aos judeus, Edith é demitida de seu cargo de professora e diz ao seu chefe:

- Por muito tempo não pude lecionar porque era mulher. Agora não posso porque sou judia.
- [...] E diz a seu amigo Hans:
- Tenho medo Hans, pela primeira vez tenho medo.
- O que aconteceu na faculdade? Eles a despediram?
- Sim, mas não é por mim que tenho medo. É pela Alemanha. Ai! Hans me abrace, por favor! (Meszaros. Título 4. Capítulo 3. 2006)

Alguns meses depois de ser demitida, morando com sua mãe e sabendo que “não existia mais cátedra para ela na Alemanha” (MIRIBEL, 2001, p. 124), chegava o momento em que Edith não poderia mais fugir do Carmelo:

Minhas possibilidades de ação chegavam a seu fim. Quanto à minha mãe, não seria melhor para ela saber que eu estava num convento na Alemanha, do que num longínquo colégio na América Latina? No domingo do Bom Pastor, 30 de Abril de 1933, na parte da tarde, eu voltei à Igreja dizendo a mim mesma: ‘não sairei daqui sem saber se é ou não chegado o momento de entrar para o Carmelo’. E quando o padre deu a bênção do Santíssimo Sacramento, encerrando a festa desse dia, recebi, intimamente, o consentimento do Bom Pastor. (MIRIBEL, 2001, p. 124).

Kierkegaard dizia que a verdade só se alcança pelo ato da reflexão. Em 1933, Edith entrou no Carmelo. Mesmo refletindo, permaneceu inquieta interiormente, o que mostra sua dificuldade em assumir uma escolha tão esperada, como aparece na seguinte fala:

- A escolha mais difícil é a do silêncio, eu não falo mais... Eu rezo... Hans, Erna, Rosa, Paul... Uma outra vida... (Meszaros. Título 4. Capítulo 6. 2006)

Segundo Elaine Feijoo (2005),

Afirma o filósofo da existência que a realidade não pode ser alcançada pelo puro pensamento, porém se identifica com necessidade no existir. Tornando-se imprescindível para atingi-la a paixão. Segundo Kierkegaard, é a paixão que possibilita o ingresso no âmbito da realidade. A existência também resgata o doloroso e escorregadio devir da realidade. (FEIJOO, 2005, p. 26).

Não se pode duvidar de que Edith Stein foi movida pela paixão pela verdade. Nem deixar de admitir que a realidade do outro ou a própria realidade colocou em prova suas escolhas, levando-a a uma angústia profunda, angústia essa que a fez questionar as certezas de se estar unida a Deus, como aparece no seguinte diálogo do filme com a irmã Rosa, que a visitou no Carmelo:

Ao ver Rosa, Edith pergunta:

- Por que mamãe não me responde?
- Ela continua a repetir que você a abandonou.
- Eu rezo por todos vocês todos os dias.
- Entenda, não é de suas orações que temos necessidade neste momento, mas de sua presença, de você, Edith. Você fala tanto em amor, mas o que é esse seu amor? Sua mãe em casa sozinha está à morte. Você sabe o quanto ela precisa de você. Seu povo está sendo exterminado. Sua família dispersa pelo mundo. E você o que faz, hein? Você nos abandona para ficar fechada aqui dentro. Isso pra mim não é amor. Isso é maldade, egoísmo, loucura. Você com todas as suas orações está nos matando.

Edith chora e sozinha em sua cela, num rompante joga longe o crucifixo e grita:

- Não! Por que me abandonastes?

Chorando muito, pensa na mãe e a pede perdão. (Meszaros. Título 4. Capítulo 7. 2006)

Em outra cena do filme, Edith questiona: “Meu Senhor! Por que justamente os Alemães e por que os Judeus?” (Meszaros. Título 4. Capítulo 10. 2006)

Aqui se pode identificar como a angústia pode fazer que ela se reconheça em seu lugar de ser infinito (estabelecido na sua relação com Deus) e ao mesmo tempo finito, impotente e inquieta ao assumir as conseqüências de suas escolhas. Isto para Kierkegaard permite com que o indivíduo não se perca no impessoal e ganhe interioridade.

Em outro momento do filme, uma irmã do Carmelo, às vésperas de fazer os votos perpétuos, busca Edith para aconselhar-se sobre suas dúvidas e medos referentes à sua decisão de ser freira e Edith partilha com ela momentos de sua infância e conversão a fim de mostrar à freira como chegou ao Carmelo. Então Stein diz:

- Se não está convicta, respeite suas dúvidas...E então?
- Meus pais queriam me obrigar a casar com um homem que eu não amava...
- Sempre fui uma menina terrível, sempre pronta a brigar em casa e na escola. Eu me tornei atrevida e rebelde. Mas você, ao invés, foi uma boa menina. Eu recebi um sinal. Na vida recebemos vários sinais, mas não sabemos vê-los. O meu veio de Santa Teresa D’Ávila. Ela

me tomou pela mão e me pediu para atravessar as sete salas ou sete moradas.

- As sete salas?

- Cada um de nós deve superar etapas. Santa Teresa diz que o caminho que nos leva ao centro de nós mesmo passa por sete moradas:

Na primeira morada, a alma está muda e surda. É prisioneira do mundo exterior e é quando a alma começa a avançar no conhecimento do mundo exterior. Na segunda morada, a alma luta contra os atrativos do mundo exterior e sente que no mundo tudo é efêmero. Na terceira morada, a alma se purifica através da meditação. Está pronta para acolher o sofrimento e renunciar as tentações do mundo exterior, mas não é bastante forte ainda. Na quarta morada, a imaginação domina. O conhecimento, a memória e a inteligência pesam sobre a alma; para progredir, deve-se renunciar a tudo isto. Na quinta morada o mundo profano não tem mais influência sobre a alma, que está livre de todas as amarras e é por isso que sou feliz aqui, mas você deve fazer o seu caminho, diz Edith para a jovem freira. E continua: A sexta morada é a sala do sofrimento, mas a alma abandona todas as tentações do mundo exterior e espera.

- Espera o quê?

- O que se encontra na sétima morada. Mas isso, eu ainda não conheço. Isto está lá na frente. E diz para a freira:

- Não se sacrifique por algo pelo qual não acharia o seu caminho.

E a irmã pergunta:

- Mas e as sete salas?

- Pode-se servir a Deus de outras maneiras. Não se deve ter medo. Case-se, tenha filhos, encontre sua felicidade. (Meszaros. Título 4. Capítulo 8. 2006)

O salto do religioso é o salto que não faz sentido para ninguém. Entretanto parece ter encontrado sentido em Santa Teresa D'Ávila. Devido a isto reconhece que este salto é singular, portanto, aconselha a jovem a fazer seu próprio.

Pode-se fazer uma analogia das sete moradas com os três estádios de Kierkegaard, sem dizer que são etapas a se cumprirem, mas comparando-as com os caminhos que o indivíduo de Kierkegaard faz nos estádios até alcançar o estádio religioso e, assim, atingir a transparência total na certeza de não se encontrar mais na ilusão de ser o que não é.

Terminando seus escritos antes de ser pega pela Gestapo, no filme se vê Edith escrevendo, com a narração em *off* dizendo:

- Chega até Deus a pessoa que se entrega completamente a Ele e justamente essa entrega é o ato mais sublime da liberdade. Quanto ao grau maior da vida pessoal, o ensinamento carmelita concorda perfeitamente com a teoria segundo a qual nosso mundo interior é o lugar da liberdade absoluta. (Meszaros. Título 4. Capítulo 8. 2006)

Já a caminho de Auschwitz, diz ao seu ex-colega de faculdade, que é agora da Gestapo:

- Sei que magoei muitas pessoas na vida, mas não tive a intenção... Pensa que eu nunca me perguntei se a minha escolha de partilhar a Paixão de Cristo foi uma escolha sincera, ou se havia renunciado ao mundo por orgulho para não admitir minhas dúvidas só por medo de examinar até o fundo do meu coração? Não sei mesmo, não sou capaz de responder... (Meszaros. Título 4. Capítulo 10. 2006)

Como Feijoo (2000) disse, “não experimentar a angústia implica na perdição do eu, uma vez que conhecê-la ou nela emergir constitui a possível liberdade” (FEIJOO, 2000, p. 70). Mesmo refletindo e ciente de suas escolhas, Edith permaneceu ao longo da vida experimentando a angústia e, através dela, mergulhou em si e reconheceu a liberdade que tanto buscava.

Finalizando, parece que Edith Stein, através da sua inquieta busca pela sua verdade e na dialética entre interior e exterior, atingiu a interioridade da qual Kierkegaard falava, pois ela o fez pela via da reflexão. Assim como Kierkegaard, Edith Stein foi reflexão do começo ao fim – o que talvez tenha sido o seu grande projeto. Psicologicamente, pode-se entender Edith como um indivíduo que fez sua trajetória de vida na angústia, no esforço, na dialética entre interioridade e exterioridade, na superação, na solidão, na reflexão e na aceitação de tudo o que colheu com suas escolhas. Na sua luta interior, conseguiu se tornar singular frente ao mundo sem deixar perder-se na ilusão. Como o homem religioso de Kierkegaard, saltou para a fé na certeza de que, ao “entregar-se completamente a Deus, entrega-se ao ato mais sublime da liberdade”.

ANEXO A - Carta de Edith Stein ao Papa Pio XI sobre a perseguição aos judeus na Alemanha

Infelizmente esta carta não surtiu o efeito esperado por Irmã Teresa Benedita: só conseguiu uma bênção para ela e os de sua família. Só lhe confirmou que sua carta corajosa e desafiadora lhe traria mais próximos a perseguição e o martírio, motivado também pelo fato de ser uma filósofa de renome na Alemanha. A carta lacrada tornou-se pública em 15 de fevereiro de 2003, por ocasião da abertura dos arquivos do Vaticano a estudiosos.

Carta de Santa Tereza Benedita da Cruz
Edith Stein
À Sua Santidade Pio XI sobre a perseguição dos judeus na Alemanha
(12 de abril de 1933)

Santo Padre!

Como filha do povo judeu, e, pela graça de Deus, desde há onze anos, filha da Igreja Católica, atrevo-me a expor ante o Pai da Cristandade o que oprime milhões de alemães.

Desde há algumas semanas, na Alemanha, sucedem-se acontecimentos que soam a desprezo pela justiça e humanidade, para já não falar do amor ao próximo. Há vários anos a esta parte dos dirigentes (Führer) nacional-socialistas proclamam o ódio aos judeus. Depois que tomaram o poder governamental em suas mãos e de armarem os seus aliados – entre eles alguns criminosos conhecidos -, apareceram já os resultados da sementeira desse ódio. Há pouco tempo, o próprio governo reconheceu a existência de se terem cometidos excessos. Porém, não é possível termos uma idéia da amplitude desses fatos porque a opinião pública está amordaçada. Mas a crer no que vim a saber, por informações pessoais, de modo algum os poderemos considerar como casos isolados. Por pressão de algumas vozes do estrangeiro, o regime passou a adotar métodos “mais suaves”. E fez passar a mensagem de que “não se deve tocar em um só cabelo dum judeu que seja”. Contudo, a declaração governamental de boicote conduz muito ao desespero, já que com o boicote rouba aos homens a possibilidade de subsistência econômica,

a honra e a pátria aos cidadãos. Através de notícias privadas fiquei, a saber, de cinco suicídios na última semana por causa destas perseguições. Estou convencida de que esta é uma pequena amostra dos muitos sacrifícios que hão de vir. Publicamente, faz-se constar a modo de lamento de justificação que esses infelizes não têm força suficiente para suportar o seu destino. Em grande parte, porém, a responsabilidade recai sobre os que levaram tão longe. E cai ainda sobre os que sobre isto guardam silêncio.

Tudo isto que acontece e diariamente acontece é fruto dum regime que se diz em si mesmo “cristão”. Desde há algumas semanas, não apenas os judeus, mas milhares de autênticos católicos alemães, e creio que do mundo inteiro, esperam e confiam que a Igreja de Cristo erga a voz para pôr fim a este abuso do nome de Cristo. Esta idolatria da raça e do poder do Estado, com que dia a dia se matraqueiam as multidões pela rádio, não será por acaso uma verdadeira heresia? Não é a guerra de extermínio contra o sangue judeu um insulto à Sacratíssima Humanidade do Nosso Redentor, à Santíssima Virgem e aos Apóstolos? Não está tudo isto em absoluta contradição com o comportamento de Nosso Senhor e Salvador que, desde a Cruz, rezou pelos seus perseguidores? E não é esta uma mancha negra neste Ano Santo que deveria ser um ano de paz e de reconciliação?

Todos os que somos fiéis filhos da Igreja e que, de olhos abertos, refletimos a situação da Alemanha, tememos o pior para imagem da Igreja se ela se mantém em silêncio durante mais tempo. Estamos também convencidos que jamais, nos tempos futuros, o atual regime alemão concederá a paz se o silêncio da Igreja se mantiver. Por mais algum tempo a perseguição contra o catolicismo far-se-á em silêncio através de formas menos brutais que contra o judaísmo. Não será, porém, menos sistemática. Não tardará muito em que, na Alemanha, católico algum poderá ascender a um cargo sem primeiro aceitar incondicionalmente o novo rumo.

Aos pés da Sua Santidade peço Bênção Apostólica.

Dra Edith Stein
Professora no Instituto Alemão
de Pedagogia Científica

Münster / W
Collegium Marianun

ANEXO B ¹⁴ - Carta de apresentação de Dom Abade Rafael Walzer, diretor espiritual de Edith Stein:

Eminentíssimo Príncipe!

Rogo-me insistentemente certa pessoa que faça chegar ao Nosso Santo Padre a carta que ela me entregou selada e que aqui se adjunta. A pessoa que o solicita é de mim conhecida e conhecida de toda a Alemanha católica como mulher preclara pela sua fé, santidade de costumes e ciência católica (com muitas publicações científicas).

Aproveitando esta feliz ocasião, saúdo humildemente a Vossa Eminência reverendíssima e peço-lhe que nos ajude a todos nós nestes tristíssimos dias. Porque, se não me equivoco, e se rapidamente não intervirem homens sábios e prudentes, a nossa pátria, e conseqüentemente a nossa Igreja Santa da Alemanha, correrá um grandíssimo perigo. E o perigo atual revela-se-me ainda mais terrível quando vejo que cada vez mais homens se deixam enganar por fatos e palavras falazes. A minha única esperança na terra encontra-se na Santa Sé Apostólica. Pela nossa parte não deixaremos de rezar e de suplicar e de “esperar no silêncio a salvação de Deus”.

Peço humildemente a sua bênção e beijo a sua sagrada púrpura,

Sou indigno servo de Vossa Eminência

+ Raphael OSB
Abade Mitrado

¹⁴ Ambos os anexos estavam disponíveis em [http:// www.carmodeaveiro.org](http://www.carmodeaveiro.org), atualmente fora do ar por motivo desconhecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A SÉTIMA morada. Santa Edith Stein. Direção de Marta Meszaros. Brasil: Distribuição Paulinas Vídeo, 2006. 1 DVD (110 minutos aproximadamente): son. Legendado. Port.

BENTO XVI. **Revista mensal dos arautos do evangelho**, Ano VII, nº 73. São Paulo. Janeiro 2008.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução: Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria. 1998.

BRUN, J. Prefácio. In: **Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1986, p. 11-18.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Pastoral. 1990.

FABRETTI, V. **Uma vida por amor. Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein)**. São Paulo: Paulinas, 1995.

FAITANIN, P. **Revista semestral do Instituto Teológico do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Coletânea**. Ano II Fasc. 4: Rio de Janeiro, 2003. P. 163-185

FEIJOO, A. M. L. C. de. **A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial**. São Paulo: Vetor, 2000.

_____. O estético, o ético e o religioso na contemporaneidade. In: CAMON, V.A.A. **Vanguarda em psicoterapia fenomenológico-existencial**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

FEIJOO, E. L. **Análise psicológica de uma história de vida: Sören Aabye Kierkegaard**. Rio de Janeiro, 2005. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica) - Programa de Pós-Graduação Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial - IFEN, Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial, 2005.

GRAMMONT, G. de. **Don Juan, Fausto e o judeu errante em Kierkegaard**. Petrópolis, RJ: Capital das Letras, 2003.

GOUVÊA, R. Q. **A palavra e o silêncio. Kierkegaard e a relação dialética entre razão e fé em Temor e Tremor**. São Paulo: Custom, 2002.

HERBSTTRITH, W. **El verdadero rostro de Edith Stein**. Tradução Melchor Sánchez de Toca. Madri: Ediciones Encuentro, 1999.

HOMEM, E. C. **Revista semestral do Instituto Teológico do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Coletânea**. Ano II Fasc. 4: Rio de Janeiro, 2003. P. 201-211.

JOSAPHAT, C. **As santas doutoras: espiritualidade e emancipação da mulher**. São Paulo: Paulinas, 1999.

KAWA, E. **Abençoada pela cruz**. São Paulo: Quadrante, 1999.

KIERKEGAARD, S. **Temor e tremor**. Rio de Janeiro: Ediouro, [1843].

_____. **O diário de um sedutor**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

_____. **O desespero humano**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

_____. **Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1986.

_____. **Dois discursos edificantes, 1843**. Tradução Henri Nicolay Levinspuhl. Teresópolis, 2007.

LE BLANC, C. **Kierkegaard**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

MIRIBEL, E. **Edith Stein, 1891-1942: como ouro purificado pelo povo**. Aparecida: Santuário, 2001.

PAULO, João II. *Discurso de canonização do Papa João Paulo II à comunidade alemã por ocasião da canonização de Edith Stein*. 1998. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1998/october/documents/hf_jp-ii_spe_19981011_edith-stein_po.html>. Acesso em 10 de Jun. 2006.

PONTE, C. R. S da. **Revista Discutindo Filosofia. Kierkegaard**. Ano 3 Núm. 12. Escala Educacional. São Paulo, 2008.

PROTASIO, M. M. **A Psicologia de Kierkegaard em Conceito de Angústia**. Rio de Janeiro: Texto mimeografado, 2006.

SCIADINI, P. OCD. **Edith Stein**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **Edith Stein – Perder para ganhar**. Fortaleza: Shalom, 2003.

STEIN, E. **A ciência da cruz**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça**. São Paulo: EDUSC, 1999.

_____. **Sobre el problema de la empatia**. Trotta, 2004.